Universidade de Passo Fundo

Programa de Pós-Graduação

Mestrado em História

Antonio Marçal Bonorino Figueiredo

ITALIANOS E DESCENDENTES VIA RIO DA PRATA:

São Borja, Itaqui e Uruguaiana, RS

[1834 - 1968]

Passo Fundo, outubro 2011.

PPGH
Programa de Pós-Graduação em História UPF

Antonio Marçal Bonorino Figueiredo

ITALIANOS E DESCENDENTES VIA RIO DA PRATA:
São Borja, Itaqui e Uruguaiana, RS
[1834 - 1968]

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo como requisito parcial e final para obtenção do grau de mestre em História sob a orientação do Prof. Dr. Luiz Carlos Tau Golin.

Passo Fundo, 2011.

CIP – Catalogação na Publicação

F475i Figueiredo, Antonio Marçal Bonorino
Italianos e descendentes via Rio da Prata : São Borja, Itaqui e Uruguaiana, RS (1834-1968) / Antonio Marçal Bonorino Figueiredo. – 2011.
291 f. : il. color. ; 30 cm.

Orientação: Prof. Dr. Luiz Carlos Tau Golin.
Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Passo Fundo, 2011.

1. Italianos - São Borja (RS) - Migração. 2. Italianos - Itaqui (RS) - Migração 3. Italianos - Uruguaiana (RS) - Migração. 4. Prata, Rio da, Região (Argentina e Uruguai) - Migração. I. Golin, Luiz Carlos Tau, orientador. II. Título.

CDU: 981.65

Catalogação: Bibliotecária Jucelei Rodrigues Domingues - CRB 10/1569

AGRADECIMENTOS

Aos meus familiares em geral, por todo o apoio, especialmente à Alana, Ariana e Inêz, que suportaram muitas ausências.

Ao Prof. Dr. Luiz Carlos Tau Golin, meu orientador, pela aceitação, paciência e sabedoria, extensivos aos professores doutores Eduardo Munhoz Svartman e Ronaldo Colvero, membros da douta Banca Examinadora.

À Coordenação do PPGH/UPF, pela forma democrática na condução dos seus métodos de trabalho. E à Jênifer, secretária do PPG, pelo desempenho gentil e eficiente.

Ao Bartolomeu e Marcilino, irmãos que deram partida às minhas buscas, vasculhando documentos no serviço da imigração no Rio de Janeiro e mapas na Biblioteca Nacional.

Ao Jorge F. Lima González Bonorino, historiador e genealogista portenho que, indiretamente, instigou-me a este trabalho para além da nossa ancestral consanguinidade. A busca mútua de raízes comuns fez descobrirmo-nos lá e cá, na Argentina e no Brasil.

Aos ítalo-descendentes colaboradores, no papel de entrevistados, agentes da história, sem os quais este trabalho de dissertação e de resgate de memória não seria possível. Houve colaboração plena, espontaneidade e muito esforço de rememoração.

À Mônica, diretora do Arquivo do Arcebispado de Montevidéu e à Suzana Sala, na Secretaria da Igreja La Merced em Buenos Aires, pela solidariedade nas buscas documentais que deram-me estímulo para que os trabalhos fossem além de projeto.

Ao João, ao Luciano e à Neide, no APERGS, e à Oneida no Centro Cultural Dr. Pedro Mariani em Uruguaiana, que por longos meses prontamente suportaram-me na solicitação de muitos documentos.

Ao Emilio Daiochi, italiano *vero*, natural de Lodi, Lombardia, professor de língua e cultura italiana da ACIRS e que, sem aviso-prévio partiu, deixando saudosa nossa turma de conversação do idioma. Teu brado continua ecoand*o: GRINTA!* – Força!

Ao Roberto Enrico Racca, outro italiano da gema, natural de Milão, ex-representante dos professores da ACIRS e diretor do Instituto Cultural Italiano, pelas suas instrutivas aulas na OAB/RS, P. Alegre, sobre a língua de Dante e a cultura italiana.

Ainda, ao irmão Marciano Valdir, que muitas vezes acompanhou-me na travessia de Porto Alegre à linha da fronteira argentina e nas andanças em prol desta pesquisa, sacrificando suas atividades de trabalho e horas de descanso.

E aos colegas de profissão do mundo da advocacia, Sérgio Lucemar e Juarez dos Santos, que não deixaram-me abater às sobrecargas do quotidiano acadêmico e profissional.

Aos colegas de mestrado e a todos que, de uma forma ou de outra, deram aquela mão amiga a este ítalo-descendente – da quinta geração.

RESUMO

O tema central desta dissertação de mestrado é a imigração espontânea de italianos e descendentes, via rio Prata, em São Borja, Itaqui e Uruguaina, RS, no período 1834 - 1968. A literatura especializada a respeito da imigração italiana oficial a partir de 1875 é exuberante, mas carente quanto ao tema proposto, limitando-se àlgumas referências superficiais à presença de peninsulares no povoamento e desenvolvimento dos locais citados. Este trabalho tem por objetivo principal a constatação da presença italiana na área antes de meados dos anos oitocentos e a identificação nominal dos imigrantes italianos ou descendentes da primeira geração que lá se instalaram. O local de procedência do território italiano, o porto de desembarque – Montevidéu ou Buenos Aires, as formas de organização que adotaram para inserção na sociedade receptora nos municípios brasileiros mencionados, contribuições e inovações que trouxeram e as mudanças sociais que provocaram, também configuram objetivos desta tarefa. O objetivo derradeiro refere-se à questão da identidade dos descendentes em decorrência do processo de mútua aculturação. A pesquisa valeu-se de documentos de fontes primárias como registro de casamentos e de óbitos, inventários antigos, informações em arquivos eclesiásticos, em jornais da época. O Apêndice A e o quadro-síntese no capítulo 3, demarcam a ponte da vertente baseada na história oral, com a descoberta de meia centena de imigrantes através de entrevistas com descendentes. Os imigrantes italianos após desembarcarem no centro do Prata, diretamente ou por etapas, alcançaram a linha de fronteira e a sub-região em estudo. Observou-se que a presença dos mesmos reflete alguns aspectos da imigração italiana no Uruguai e na Argentina. Muitos deles têm parentes nesses dois paises. Do longo processo de miscigenação e recriação de identidades, restam alguns traços identitários de natureza gastronômica e remanesce, ainda e sobretudo, um forte sentimento de pertencimento étnico ligado ao nome de família e à origem peninsular itálica.

PALAVRAS-CHAVE: italianos, rio da Prata, tríplice fronteira.

RIASSUNTO

Il tema centrale di questa tesi di Master è l'immigrazione spontanea di italiani e loro discendenti, attraverso il fiume Prata, in São Borja, Itaqui e Uruguaiana - Rio Grande do Sul, durante il periodo 1834 - 1968. La letteratura specializzata che parla dell'immigrazione italiana ufficiale che inizia nel 1875 è esuberante, ma carente in relazione al tema proposto, limitandosi a qualche riferimento superficiale alla presenza di italici nella popolazione e nello sviluppo delle località citate. Questo studio ha per obiettivo principale, la constatazione della presenza italiana nell'area, prima della metà del 1800 e l'identificazione nominale degli immigranti italiani o loro discendenti della prima generazione che si sono là istallati. Il locale di provenienza del territorio italiano, o il porto di sbarco – Montevideo o Buenos Aires, le forme di organizzazione che adottarono per il loro inserimento nella società ricevente nei municipi brasiliani citati, i contributi e le innovazioni che portarono e i cambiamenti sociali che provocarono, configurano anche gli obiettivi di questo compito. L'ultimo obiettivo si riferisce alla questione dell'identità dei discendenti in decorrenza del processo di mutua acculturazione. La ricerca si è servita di documenti di fonti originali come i certificati di matrimonio e di morte, gli inventari antichi, le informazioni degli archivi ecclesiastici, i giornali dell'epoca. L'appendice A ed il quadro sintesi nel capitolo 3, demarcano il ponte della vertente con base nella storia orale, com la scoperta di un mezzo centinaio di immigranti grazie alle interviste con i discendenti. Gli immigranti italiani dopo lo sbarco nel centro di Prata, direttamente o per tappe, raggiunsero la linea di frontiera e la sub regione oggetto dello studio. Si osservò che la presenza degli stessi riflette alcuni aspetti dell'immigrazione italiana in Uruguai ed in Argentina. Molti di loro hanno parenti in questi due Paesi. Del lungo processo di mescolanza e ricreazione delle identità, restano alcune tracce dell'identità della natura grastronomica e resta, ancora e soprattutto, un forte sentimento di appartenenza etnica legata al nome di famiglia e all'origine della penisola italica.

PAROLE CHIAVE: italiani, fiume Prata, triplice frontiera.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa da Itália, 1494 27
Figura 2 – Mapa da Itália não unificada, do período do *Risorgimento* (1815-1860) 28
Figura 3 – Mapa da Itália, regiões atuais 29
Figura 4 – Mapa do império colonial italiano após a conquista da Abíssinia em 1836 38
Figura 5– Mapa de localização dos principais portos fluviais argentinos, brasileiros e uruguaios do rio Uruguai na segunda metade do século 19 47
Figura 6 – Império do Brasil, Comarca de Rio Pardo, procuração, 1854 57
Figura 7 – Império do Brasil, São Borja, procuração,1854 59
Figura 8 – Brasil-Colônia: Certidão de casamento em Rio Pardo, 1800 61
Figura 9 – Mapa dos caminhos antigos, 1841 63
Figura 10 – Tabela 1: Importações procedentes do rio da Prata (1850-1880) 66
Figura 11 – Tabela 2: Exportações realizadas para o rio da Prata (1850-1881) 67
Figura 12 – Rede ferroviária uruguaia, 1900 70
Figura 13 – Rede ferroviária uruguaia, 1914 71
Figura 14 – Mapa das estradas de ferro do Rio Grande do Sul, Uruguai, Argentina **e** Paraguai em 1922 76
Figura 15 – Mapa da estrada de ferro de Buenos Aires à Assunção, defrontando-se com Uruguaiana, Itaqui e São Borja 77
Figura 16 – Mapa da divisão municipal da Província de São Pedro, 1834 80
Figura 17 – Mapa das intervenções paraguaias (1822-1865) 95
Figura 18 – Mapa das Missões na Bacia Platina 96
Figura 19 – Mapa das operações do exército paraguaio sobre o rio Uruguai, 1865 103
Figura 20 – Ofício do Consulado Italiano em Porto Alegre, 1866 105
Figura 21 – Mapa de irradiação dos portos de Uruguaiana, Itaqui e São Borja dentro da província do Rio Grande do Sul 116
Figura 22 – Estabelecimento comercial e anúncio em jornal, 1929 138
Figura 23 – Estabelecimento comercial e documento fiscal, 1933 139
Figura 24 – Estabelecimento comercial e documento fiscal, 1941 140

ABREVIATURAS

ACIRS – Associação Cultural Italiana do Rio Grande do Sul.

AGN, Bs As – Arquivo Geral da Nação em Buenos Aires.

AGN, Montvd – Arquivo Geral da Nação em Montevidéu.

AHRGS – Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.

APERGS – Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul.

BGS – *Brazil Great Southern.*

dC – depois de Cristo.

CEMLA – Centro Latino Americano de Migrações, em Buenos Aires.

CHDD – Centro de História e Documentação Diplomática.

Fl., fls. – folha, folhas.

Ib. – *Ibidem* [idem].

Id. – idem.

OAB/RS – Ordem dos Advogados do Brasil em Porto Alegre.

Op. cit. – *opus citatum* [mesma obra].

P. Alegre – Porto Alegre, RS.

PPGH/UPF – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Passo Fundo.

RA – República Argentina.

ROU – República Oriental do Uruguai.

SM – Sua Majestade.

UPF – Universidade de Passo Fundo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 11
Italiano: conceituação e identidade 13
Comunidade simbólica 15
Sentimento de italianidade 17
Metodologia, fontes, questionamentos e estrutura 18
Periodização e marcos temporal 24
1 A BIBLIOGRAFIA E CONTEXTUALIZAÇÃO 30
1.1 Os estudiosos e a bibliografia 30
1.2 A Itália e a emigração 35
1.3 A imigração no Prata – substituição da herança *criolla* 39
1.4 Proximidades de Montevidéu e Buenos Aires 42
1.5 Características da área e o espaço econômico 48
1.6 Comércio e transporte da erva-mate 51
1.6.1 Os caminhos antigos, 1841 62
1 .6.2 A navegação – a partir de São Borja 64
1.6.3 Ferrovias 68
2 A PRESENÇA ITALIANA, ANTERIOR A 1875, EM SÃO BORJA, ITAQUI E URUGUAIANA 78
2.1 Na fundação da Cruz [Itaqui, RS], em 1821 78
2.2 Na visita de representante da Sardenha à colônia de Itaqui, em 1856 81
2.3 Italianos e descendentes: notícias em inventário no arquivo público 83
2.4 A guerra do Paraguai, o comércio de fronteira e italianos 94
2.4.1 O roubo e a barbárie 99
2.4.2 As reparações - indenizações 105
2.5 Síntese: italianos e ítalo-descendentes presentes na área, antes de 1875 107
3 ITALIANOS E DESCENDENTES EM SÃO BORJA, ITAQUI E URUGUAIANA, CHEGADOS VIA RIO DA PRATA 109
3.1 Porto de desembarque dos imigrantes e profissão 110
3.2 Local de origem na Península Itálica 111
3.3 Época da chegada no Brasil 112
3.3.1 Área de atração 114
3.3.2 Parentes no Uruguai e na Argentina 120
3.4 Evidências da identidade étnica dos recém-chegados 121
3.5 Formas de organização e as sociedades de mútuo socorro 124
3.5.1 A Sociedade Italiana de Mútuo Socorro em Uruguaiana 126
3.5.2 A Sociedade Italiana de Mútuo Socorro em Itaqui 129
3.6 Inserção, inovações e implicações sociais 131
3.7 Quadro-síntese. 135

4 CONFLITOS E INTEGRAÇÃO 141
4.1 Conflito de súdito italiano e agente consular com o governo brasileiro 141
4.2 Conflito dissimulado com os grandes proprietários de terras..... 144
4.3 Conflitos políticos, desapropriação de terra e ocupação de espaços 145
4.4 Conflito entre sociedades italianas face à representação em duplicidade 148
4.5 Conflitos linguísticos, e outros 149
4.6 Integração e assimilação de hábitos e costumes..... 156
4.6.1 Sincretismo religioso..... 163
4.6.2 Casamentos e miscigenação racial..... 165
4.6.3 Atividades laborais e mudanças..... 168
4.7 Declínio das sociedades italianas 170
4.8 Referências étnicas 172
5 A IMIGRAÇÃO ITALIANA NO PRATA: CORRELAÇÕES E PARALELOS COM OS QUESTIONAMENTOS NESTA PESQUISA 175
5.1 Italianos na atividade fluvial do Prata 177
5.2 A presença italiana no Uruguai, o Salto e localização 178
5.3 Imigração italiana no Uruguai por Buenos Aires 182
5.4 Progresso e ascensão social no Uruguai 183
5.5 A falta de terra e a habitação na Argentina 185
5.6 Imigrantes e trabalhadores em Buenos Aires 188
5.7 Alimentação e questões identitárias 189
5.8 Re-imigração para o Brasil..... 196
CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 199
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 207
ANEXO 1..... 215
APÊNDICE A 224

INTRODUÇÃO

Uma das tarefas semanais de guri no período dos sete aos doze anos era apanhar o jornal *O Município de Itaqui,* do qual o velho meu pai foi assinante.

No trajeto de retorno para casa havia uma festa mental com os tipos impressos daquele semanário. Ocorria um processo interno de deslumbramento e de descobertas nas suas poucas páginas. As notícias, notas e todo o conteúdo publicado era esquadrinhado, devorado na contemplação a partir daquela janela para o mundo.

Chamavam a atenção do pequeno leitor sobrenomes de pessoas que depois veio a aprender que não procediam da vertente lusa. Apareciam sobrenomes diferentes, com letras dobradas ou mudas, que intrigavam na grafia como Bado, Bonapace, Bittencourt, Cacciatore, Caravelle, Degrazia, Goulart, Lacroix, Musachio, Passamani, Risso, Rossi, Sanchotene, Schenini, Veppo.

Sobreveio a fase escolar fora da aldeia de origem. Após a rápida passagem dos anos iniciais do antigo ginasial em São Borja, a continuação imediata dos estudos ocorreu na região da grande Porto Alegre. Com a concentração de alunos provenientes de todo o Estado, observava a predominância dos oriundos da zona de colonização italiana. E ficava mais claro que muitos dos nomes avistados no *O Município,* tinham origem italiana. Qual o nome próprio dos primeiros que apareceram? De onde vieram? Quando chegaram? Por que? Estas eram as perguntas silenciosas mais comuns.

Os anos passaram-se, outros caminhos foram percorridos em diversos locais do país pelo inveterado leitor do jornal do tempo das suas primeiras letras. Dentre as muitas andanças e paradas, ocorreu a de Passo Fundo na época da graduação na universidade local. A convivência com mais pessoas portadoras de sobrenome de origem itálica aguçou as perquirições sobre a origem daqueles nomes que leu no decorrer da meninice na linha da fronteira sudoeste do Rio Grande do Sul. Assim, ao longo do tempo começamos a maturar o projeto desta pesquisa.

Nas linhas anteriores, apresentamos breve história de vida. Para elaboração deste nosso trabalho de dissertação de mestrado, utilizamos grandemente o mesmo ferramental – histórias de vida, em regra no contexto da obra em referência.[1] Procuramos descobertas sobretudo na memória dos descendentes de, pelo menos, meia centena de peninsulares italianos que migraram para São Borja, Itaqui e Uruguaiana. O questionamento inicial está em saber-se o porto de chegada no centro do Prata, tomado este como Montevidéu e Buenos Aires. O questionamento derradeiro é a descoberta do quanto persiste da chamada italianidade decorrente.

Ao longo do processo histórico do povoamento da fronteira sudoeste do Estado do Rio Grande do Sul, especificamente nos três municípios localizados na linha do rio Uruguai, a presença e a marca dos peninsulares italianos antecede o começo da imigração italiana massiva no Brasil iniciada em 1875. Este trabalho tem por objeto alcançar nominalmente imigrantes dessa origem que chegaram espontaneamente nestas três localidades fronteiriças depois do desembarque em Montevidéu ou Buenos Aires. A tarefa pretende também demonstrar a forma de inserção na sociedade receptora, as contribuições, as mudanças que provocaram e as marcas ou características que deixaram na sociedade no período compreendido entre 1834 e 1968.

[1] FERREIRA, Marieta de Morais; e AMADO, Janaína. [Org.], *et al*. *História oral* – usos & abusos da. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

Sabe-se que nessa costa do rio Uruguai, a fronteira é riquíssima em conteúdos provenientes dos indígenas que povoavam e perpassavam o território. Depois sobreveio a histórica disputa dos povoadores da Península Ibérica e o aparecimento de um novo tipo regional, em ambos os lados da atual linha da fronteira meridional. Mas pela função de via de acesso que esse rio representou no passado e pela proximidade geográfica de dois grandes centros, Montevidéu e Buenos Aires, pessoas de outras origens se fizeram presentes e contribuíram no povoamento local.

Em geral, sempre pareceu mito ou lenda a afirmação de que, na área desta pesquisa, a presença italiana anteceda à imigração que impulsionou as tradicionais e conhecidas zonas de colonização italiana. Esta, só muito tempo depois, passou a frequentar amplamente as páginas da bibliografia especializada. É explicável a tardança quando se trata da história dos excluídos e dos oprimidos que passam a ocupar o espaço das antigas oligarquias.

Para o leste-atlântico-meridional do Rio Grande do Sul e em pontos da fronteira meridional brasileira, como em Santa Vitória do Palmar, Bagé e Dom Pedrito, alguns conteúdos bibliográficos para estes municípios já individualizam o nome de imigrantes italianos e o papel desempenhado pelos mesmos, deixando de lado meras referências de cifras numéricas. Os autores que serão mencionados no capítulo inicial antevêm vinculações dessa presença na orla fronteiriça sul-brasileira com a imigração italiana no Uruguai e na Argentina.

Italiano: conceituação e identidade

Necessário que se busque uma conceituação ao adjetivo italiano, se não propriamente um conceito de identidade, empregado no título desta tarefa. Nas páginas inaugurais da obra intitulada *Presenza italiana in Brasile*, publicada em 1999, sob os auspícios da Embaixada Italiana no Brasil, há um texto do embaixador daquele país em

saudação aos 500 anos de descobrimento, no qual manifestou-se em um projeto da Universidade de Brasília sobre a presença dos seus concidadãos em terras brasileiras.[2] Nas suas primeiras palavras recorda que "[...] a presença italiana [...]" no Brasil remonta aos anos da descoberta, "*La presenza italiana in Brasile risale agli anni stessi della scoperta*".

O então titular da Embaixada Italiana discorreu sobre as realizações de personalidades italianas conhecidas do grande público como Américo Vespucci, acentuando que o mesmo era de Florença. E cita muitos nomes de "italianos" que ajudaram a construir a história brasileira, tratados por calabrês, florentino, genovês, lombardo, napolitano, piemontês, sardo, siciliano, veneto, e outros designativos de lugar, face a antiga fragmentação da Península Itálica por estados que ali vicejaram e se digladiaram, muitas vezes como instrumentos de dominação de potências estrangeiras. Independentemente de época, todos os seus naturais são considerados italianos como consta no título da obra *Presença italiana no Brasil*.

Quando em 1858 o viajante Robert Avé-Lallemant chegou em São Borja, ansioso para alcançar Uruguaiana pela via fluvial, diz ter tratado com um "[...] sujeito da Sicília [...]". E que também lá se encontrava um genovês dentre toda a gente que se achava com ele na praia do rio Uruguai. Encontrou e tratou com italianos.[3] Genericamente, Lallemant referia-se à presença de italianos no local.

Demonstraremos, com indicação nominal que, na área da pesquisa, com trânsito por Montevidéu ou Buenos Aires, instalaram-se imigrantes italianos procedentes do norte alpino à Sicília, desde quando o território peninsular era ainda fragmentado e quando a Itália unificada ensaiava os primeiros passos como futuro estado nacional. Palmilhamos o terreno da identidade, melhor seria dizer identidades, que é o reconhecimento das diferenças no meio

---

[2] Ambasciata d´Italia; Istituto Italiano di Cultura di San Paolo. *Presenza italiana in Brasile* – cenni sulle collettività. Brasília: Lis Gráfica e Ed. Ltda, s/d, p. 15.

[3] AVÉ-LALLEMANT, Robert. *Viagem pelo sul do Brasil*. Rio de Janeiro: INL, 1953, p. 253.

da homogeneização que as culturas hegemônicas procuravam estabelecer no espaço que dominavam.

Comunidade simbólica

A este propósito, lembra Stuart Hall que, na chamada comunidade simbólica a qual constitui uma nação, indivíduos e coletividade comungam da mesma idéia.[4] E, segundo Eric Hobsbawn, quer seja esta inventada ou construída por tradições, dá um sentido de pertencimento ao passado que os liga.[5] Todavia, as noções de espaço e de tempo estão em constantes modificações, e os próprios agrupamentos humanos, em permanente mobilidade. As identidades sempre estão sendo construídas face às redefinições de pertencimento e no dizer de Hall, "[...] em vez de falar de identidade como coisa acabada, deveríamos falar de identificação e vê-la como um processo em andamento".

O adjetivo italiano é utilizado pelos doutos e estudiosos aos originários da Península Itálica anteriormente à Unificação Italiana. Inclusive, aparece na denominação do título de obras escritas. Exemplificando, citamos o argentino Fernando Devoto, com *Historia de los italianos en la Argentina*; os brasileiros João Fábio Bertonha, Luis Alberto De Boni [org.], Núncia Santoro Constantino e Rovilio da Costa e Outros, respectivamente com *Os italianos, A presença italiana no Brasil, O italiano da esquina e Antropologia Visual da Imigração Italiana*; as uruguaias Ketty Corredera Rossi e Silvia Rodriguez Villamil-Graziela Sapriza, com *Inmigracion italiana en el Uruguay (1860-1920)* e *Los italianos*; e o italiano Domenico Ruocco, com *L´Uruguay e gli italiani – O Uruguai e os italianos*.

Qualifica-se como italiano os naturais e provenientes da Peninsula em *Italianos e descendentes, via rio da Prata, em São Borja, Itaqui e Uruguaiana, RS*, sem a limitação do tempo histórico à unificação dos estados independentes que lá existiam até o *risorgimento* –

[4] HALL, Stuart. *Identidades culturais na pós-Modernidade.* Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1997, p. 49.
[5] HOBSBAWN, Eric. *Sobre a história*. São Paulo: Cia. das Letras, 2001, p. 22.

criação de um estado nacional italiano.[6] Também recorremos à obra denominada *A Itália no tempo de Maquiavel – a vida cotidiana.*[7]

Pelo título dessa obra, duas incongruências intransponíveis já seriam enfrentadas se empregado rigorismo à adjetivação gentílica ligada à variável tempo. Sabe-se que Nicolau Maquiavel era florentino, estadista, escritor, historiador vigoroso e que viveu na Idade Média, exatamente no período 1469 a 1527. A realidade histórica da época indica a existência tão só de Florença e divisionismo territorial da Península – **Figura nº 1** e **Figura nº 2.** A Itália foi inventada e construída muito depois, mas há um sentimento que retroage e ultrapassa à Unificação Italiana e antecede a fragmentação peninsular.

Maquiavel, no seu tempo, como estadista, invejava as poderosas França e Espanha. Exatamente por não padecerem da ausência de uma consciência política nacional, encontravam-se unidas internamente. Na comparação amarga da divisão da Itália com estes dois países, Larivaille diz que Maquiavel fez da Igreja a responsável pela sujeição de sua pátria. Na sua pregação pela união e prosperidade, Maquiavel proclamava a necessidade de submissão a um só governo, república ou monarquia. E ressalta que o mesmo antevia a necessidade da constituição de um Estado nacional italiano para fazer frente aos vizinhos poderosos.

Larivaille recorda que no capítulo final de *O Príncipe*, Maquiavel exorta os Médici a se tornarem os redentores da Península Itálica e a libertá-la do jugo bárbaro. Igualmente recorda que outro florentino da época, Francesco Guiccinardi, também historiador, reconhecia o papel de divisor da Igreja, mas contestava a necessidade de unificação da península. Em suas *Considerações sobre os discursos de Maquiavel* dizia que não via como uma desgraça a oposição da Igreja à constituição de monarquias, pois "[....] assim ficou salvaguardada essa maneira de ser e viver que mais convém aos seus mui antigos costumes e às suas inclinações."

---

[6] BERTONHA, João Fábio. *Os italianos.* São Paulo: Contexto, 2005, p. 49.
[7] LARIVAILLE, Paul. *A Itália no tempo de Maquiavel* – a vida cotidiana. São Paulo: Ed.Schwacrz Ltda, 1979.

O mesmo Paul Larivaille ressalta que Maquiavel e Guiccinardini eram dois intelectuais e homens políticos fora do comum, que dificilmente podiam ser considerados exemplos da representatividade dos sentimentos da maioria. Somente eles e uma minoria seriam capazes de alcançar um conhecimento tão preciso do passado e do presente do país. E escreveu que, apesar de suas diferenças, a reflexão menos rigorosa e radical de Guicciardini era a expressão de um sentimento amplamente partilhado pelos habitantes de toda a Península. Larivaille observa:

> [...] sem que se possa dizer até que ponto essa constatação vale para a plebe, excluída, na época da vida política e da qual existem poucas informações, parece certo que tanto nos membros das corporações de artesões como nos indivíduos das chamadas camadas superiores da sociedade, exista, fortemente enraizado, um sentimento cioso da especificidade e da qualidade da vida italiana. [8]

Sentimento de italianidade

Depois Larivaille escreveu que além dos muitos particularismos, das inúmeras rivalidades geográficas e locais, além de tudo que separa e opõem regiões, estados e cidades, existe inegavelmente uma consciência italiana. Em primeiro lugar, uma consciência geográfica, já que os Alpes são unanimamente considerados fronteira natural do país e que, apesar da fragmentação do território, todos concordam em chamá-lo de Itália; uma consciência étnica e linguística, apesar das consideráveis disparidades que persistem nesse domínio. E assinalou que o problema da definição de uma língua se arrastou desde o século 16, o que prova também uma clara consciência de substrato linguístico comum aos dialetos regionais, sem o qual seria inútil buscar um terreno de entendimento.

Conforme o autor, dessa consciência italiana existe finalmente e sobretudo o sentimento de italianidade, que nasce e se nutre como bem indica o texto de Guicciardini:

[8] LARIVAILLE, 1979, op. cit., p. 12.

> [...] da certeza partilhada pelos habitantes das cidades da península de serem todos juntos, para além das suas divisões, os herdeiros e os depositários de uma civilização comum: de uma história, de uma cultura e, concretamente, de uma arte de viver muito superior à dos conquistadores bárbaros que disputam a partir de 1494 o território italiano e serão eles próprios largamente conquistados pelos requintes que aí encontram. [9]

Assim, a história e a geografia conjugadas alcançam os elementos-chave necessários para pensarmos as heranças que a natureza e ação humana deixaram para a própria definição do que é a Itália e do gentílico italiano. Este adjetivo aqui é empregado para os naturais da Península relacionados no Apêndice A e no seu respectivo quadro-síntese onomástico no final do Capítulo 3 desta dissertação. As pessoas relacionadas nesse quadro têm origem em todos os quadrantes da península, de quase todas as regiões, do extremo norte alpino à ponta da bota italiana – **Figura nº 3.**

Para os brasileiros em geral, como nos demais países que receberam esses imigrantes encontrados na área da pesquisa, todos eram italianos. Esta identificação e reconhecimento também auxiliaram na formação de uma identidade unificada fora da Península. Para isso, muito colaborou a mistura entre os recém-chegados, fossem lígures, lombardos, venetos, napolitanos, calabreses ou sicilianos, todos acabaram sendo vistos como italianos. Nesse propósito, é plenamente aplicável ao caso presente a observação de João Fábio Bertonha, quando escreveu sobre a imigração italiana de massa:

De fato, a convivência forçada de italianos das mais diversas origens e regiões na vida em seu novo país, a discriminação comum e a tendência das sociedades hospedeiras a vê-los e a tratá-los como "italianos" ampliara seus interesses e a identidade comum, de italianos, em um período da história italiana em que [...] essa identidade ainda não estava consolidada na própria Itália. [10]

Metodologia, fontes, questionamentos e estrutura

[9] LARIVAILLE, 1979, op. cit., p. 13.
[10] BERTONHA, 2005, op. cit., p. 55.

Os recursos metodológicos empregados para a investigação de campo foram o método dos paradigmas indiciários e entrevistas com um roteiro de orientação. Posteriormente, fizemos uso do método biográfico. A pesquisa de campo se deu entre novembro de 2009 e novembro de 2010. Em linhas gerais, os paradigmas indiciários foram utilizados nas pesquisas e levantamento de informações iniciais. Assim são chamados por Carlo Ginzburg, em analogia ao caçador primitivo, observador dos vestígios, dos indícios da sua pretendida presa. [11].

A primeira tarefa foi a busca de nomes perceptíveis como de origem italiana e, para isso, recorremos aos registros de nascimento, casamento, óbito e inventários existentes no arquivo público do Estado do Rio Grande do Sul – APERGS, referentes aos três municípios referidos. Escreveu Eric Hobsbawn que, ao longo do tempo, as pessoas fora do seu bairro, apenas têm entrado para a História como indivíduos nos registros de nascimento, casamento e morte. [12]

De posse de uma lista de sobrenomes de interesse para contatos, efetuamos várias viagens como se pode se ver na data das entrevistas realizadas, partindo de Porto Alegre onde radicados e domiciliados, à sede dos municípios de São Borja, Itaqui e Uruguaiana. A boa vontade dos descendentes de italianos, principalmente de netos ou bisnetos, muito auxiliou o contato direto de busca e registro da memória dos fatos pretéritos produzidos pelos ancestrais. Muitos dos entrevistados eram detentores de idade avançada, sendo vários já octogenários. Em contrapartida, nos descendentes mais jovens, de quarenta anos para baixo, observou-se um desconhecimento crucial do quanto narrado nas respectivas entrevistas. As inscrições tumulares nos cemitérios em Itaqui e São Borja também substanciaram a linha das pesquisas.

Jornais antigos editados nos três municípios aludidos forneceram diversas informações. Na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro obteve-se alguns mapas da região

[11] GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais.* São Paulo: Cia. Das Letras, 1990, p. 151.
[12] HOBSBAWN, 2001, op. cit., p. 21.

platina. O centro de imigrações em São Paulo, localizado no bairro da Mooca, através da disponibilização de dados via *on line* muito auxiliou no esclarecimento de entradas de diversos imigrantes no país a partir de 1872 – Memorial do Imigrante em São Paulo.

Também realizamos buscas em arquivos no centro do Prata: a) no Uruguai, em Montevidéu: arquivo judicial; arquivo geral da Nação / AGN; arquivo do Arcebispado de Montevidéu; e arquivo da Paróquia El Cordón; b) na Argentina, em Buenos Aires: arquivo geral da Nação / AGN; Centro Latino-Americano de Migrações / CEMLA; arquivo e museu Mitre; e arquivo da Secretaria da Igreja La Merced.

Pelo título *Italianos e descendentes via rio da Prata – em São Borja, Itaqui e Uruguaiana, RS*, o tema sugere e reflete ligações com o Prata. Sinaliza que a presença italiana na fronteira sul-brasileira está relacionada com a imigração italiana ocorrida no centro do Prata. E esta é tangenciada por autores como Elio Chaves Flores, Fernando Devoto, Manoelito de Ornellas, Sérgio da Costa Franco e Stella Borges, os quais serão referenciados em nota de rodapé quando da citação dos seus escritos respectivos. Seguimos a direção sugerida pelos mesmos, e mais de perto a proclamação de Stella Borges sobre a imigração no Uruguai e na Argentina.

Na elaboração desta tarefa trabalhamos com instrumentos e recursos da história oral. A esse respeito, João Carlos Tedesco assevera que a mesma é fonte, e deixa claro, "[...] é um documento diferente, que pode ser uma entrevista gravada, [...]". Há necessidade de que esteja revestida de alguns requisitos essenciais mínimos, como a localização e a identificação dos atores. Tedesco alinha que os fatos pinçados nas histórias de vida "[...] dão ensejo a percepções de como um modo de entender o passado é construído, [...]".[13] Todas as pessoas entrevistadas e relacionadas no Apêndice A são colaboradores. Pelo processo de transcriação da entrevista, a história oral se concretizou ao chegar ao presente

[13] TEDESCO. João Carlos. *Nas cercanias da memória* – temporalidade, experiência e narração. Caxias do Sul: EdUCS, 2004, p. 114.

texto dissertativo, é dizer, após a superação da etapa da entrevista e da formação de arquivos, escrito e sonoro, prevalecendo para todos os efeitos, sempre, tão só o texto degravado da entrevista concedida.

Transcriação é a reformulação da transcrição literal da letra decorrente da entrevista, quando esta não pode ser aproveitada em toda a sequência da fala verbalizada, sobretudo em função dos objetivos específicos do projeto da pesquisa. O processo de transcriação assegura a formação de um corpo documental a ser trabalhado pelo historiador, de par com outros elementos como documentos escritos, cruzamento de informações, estabilização da memória, dados biográficos ou bibliográficos. No texto final ou textualização das entrevistas, deve o narrador reconhecer a transcrição rigorosa de suas palavras da gravação para o papel. Na elaboração do texto final, que é uma etapa da textualização, deve haver uma narrativa clara, o texto deve ser limpo, enxuto e compreensível, o que muitas vezes as transcrições integrais não permitem.

A textualização das entrevistas deve conter, e contém, a atmosfera da entrevista, principalmente a comunicação não verbal nela inclusa, seja, as emoções do entrevistado – riu, chorou, vacilou – a entonação e inflexão vocal, seus gestos, sem abandonar as características do originalmente falado. Assim, para o resultado final pretendido da textualização, valemo-nos de dois conceitos linguísticos geminados: o da transcriação, já explicitado, proposto por Haroldo de Campos, e o outro, o do teatro da linguagem, formulado por Rolando Barthes, que são adequados à história oral. [14]

No capitulo inicial desta dissertação, depois de uma panorâmica sobre a bibliografia, partimos para a contextualização que alcança a península itálica e sua gente; a imigração no Prata, na época tida nos ideais de algumas mentes como solução ao atraso. A seguir deitamos vista sobre espaço econômico regional onde a pesquisa se desenvolveu. Aí o

[14] MEIHY, José Carlos Sebe; e HOLANDA, Fabíola. *História Oral*: como fazer, como pensar . São Paulo: Editora Contexto, 2007, p. 155-156.

rio Uruguai desempenhou papel fundamental como via de ligação até o início dos anos novecentos, quando as estradas de ferro, em ambas as margens, já estavam construídas. Esse rio, ao possibilitar o andar das pessoas e a circulação de riquezas provenientes do seio da terra, da pecuária – como o couro, primeiramente, seguido pelo charque e pela erva-mate, instrumentalizando o espaço econômico, serviu de atrativo para novas presenças no comércio e a ocupação e povoamento dessa linha e região de fronteira.

Conforme Jacques Le Goff e Pierre Nora, formulamos quatro questões básicas. Dizem estes autores no contexto da escrita referenciada: "O que mais falta à história de antes da década de 30 é a problemática".[15] Assim, nos questionamentos apontamos a problemática para o rumo das buscas e respostas. No capítulo 2 é questionada a presença italiana anterior a 1875, estando a investigação centrada principalmente em documentos, como inventários, em arquivos públicos como o Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul / APERGS e o Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul / AHRGS.

No capítulo 3, continua o questionamento inicial sobre a presença italiana, todavia, posteriormente a 1875 e de forma mais aprofundada. Busca o porto de desembarque [Buenos Aires ou Montevidéu], nome, local de origem na Itália, profissão, época da chegada no Brasil. A oralidade de descendentes é a fonte principal de apoio da investigação. Em consequência, o primeiro produto encontra-se no Apêndice A, que é uma condensação de respostas nas entrevistas, e de outras informações obtidas. No final do capítulo há um quadro-síntese.

Também no capítulo 3 está contido o segundo questionamento, que se refere a formas de organização dos recém-chegados, inserção na matriz social local, inovações e mudanças sociais. Para informações relativas a alguns dos imigrantes enumerados no quadro-síntese no final do capítulo, houve necessidade de entrevista com mais de um descendente para aclaramento de informações divergentes e estabilização da memória. Falando sobre o

[15] LE GOFF, Jacques; NORRA, Pierre. *História*: novas abordagens. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1976, p. 45.

local da memória, João Carlos Tedesco escreveu que: "*A memória da família legitima-se como patrimônio*". Também escreveu: "*A família está espelhada e espalhada, porém, ao mesmo tempo, unida nesse horizonte de socialização de papéis*". [16]

No capítulo 4, encontra-se a terceira questão. Refere-se aos principais conflitos experimentados pelos imigrantes, à integração e às características ou traços italianos remanescentes. O conflito inicial decorreu da conduta e das práticas dos italianos já instalados no Povo da Cruz em 1821, depois denominada Itaqui, que eram barqueiros e comerciantes e em maioria entre os estrangeiros, "[...] favorecidos por um contrabando irrepremível, depressa enriqueceram". [17]

O contrabando e a legalidade se excluem e a fonte referenciada remete a uma realidade material, econômica e social que se revelou no rápido desenvolvimento deste distrito o que, no dizer de Silveira, passou a não ser bem visto pelo ente político-administrativo da área, a vila de São Borja, "[...] onde nunca foram vistas com bons olhos as vantagens da povoação de Itaqui". [18]Tal não deixa de ser outro conflito, indiretamente provocado pela presença italiana.

No bojo do processo de inserção e interação, outros conflitos são alinhados como o ocorrido na relação entre súditos italianos e a respectiva representação consular com o governo brasileiro; conflito da sociedade receptora refletido na necessidade da fundação de sociedades de mútuo socorro; conflito entre os próprios italianos, conflitos linguísticos, conflitos por dívidas pessoais e conflitos familiares.

No capítulo 5, tem-se um cenário da imigração italiana no Uruguai e na Argentina, correlacionado e em paralelo com as constatações dos fatos referentes ao

[16]TEDESCO, João Carlos. *Um pequeno grande mundo* . Passo Fundo: EdUPF, 2001, p. 55 e 91.
[17] SILVEIRA, Hemetério José Velloso da. *As Missões Orientais e seus antigos domínios.* Porto Alegre: Erus, 1979 , p. 383.
[18] Ibidem.

fenômeno imigratório nos três municipios pesquisados. Descobre-se que há íntima vinculação da imigração italiana nos dois países vizinhos com a presença, desde cedo, de peninsulares itálicos neste lado da linha de fronteira. Os personagens trilharam por esses dois principais portos do Prata. Vários, inicialmente radicaram-se na Argentina e no Uruguai e lá têm parentes. Depois se transmigraram para os locais de abrangência deste trabalho de pesquisa.

Pela visualização da trama da imigração italiana nesses dois países platinos, percebe-se muitas práticas que também eram comuns na sub-região em estudo, sobressaindo-se as de natureza identitária como a gastronômica. No mencionado capítulo 5, descobre-se que as dificuldades de trabalho, o processo de integração e aculturação ocorreu de forma semelhante lá e cá. No mesmo são tangenciadas as condições de moradia dos imigrantes, mormente em Buenos Aires, para saber-se das principais causas para a re-imigração espontânea para o solo brasileiro. Na elaboração do conteúdo deste capítulo final, necessitamos recorrer a outros autores de fala espanhola, em regra acadêmicos também de nomeada, que serão referenciados em rodapé de página.

Periodização e marcos temporal

A periodização da pesquisa parte de 1834. O marco temporal inicial sinaliza o momento em que São Borja tornou-se ente administrativo autônomo na área das Missões.[19] E nesse mesmo ano foi criado o distrito da Cruz, hoje Itaqui, justamente face ao seu progresso em função da presença italiana desde a sua fundação. Conforme José Hemetério Velloso da Silveira, na obra *As Missões Orientais e seus Antigos Domínios,* em 1821, na Cruz a presença de estrangeiros era uma realidade, dentre os quais sobressaíam-se os italianos.[20]

[19]FORTES, Amyr Borges; WAGNER, João Baptista Santiago. *História Administrativa, Judiciária e Eclesiástica do Rio Grande do Sul.* Porto Alegre: Globo, 1963, p. 267.
[20]SILVEIRA, 1979, op. cit., p. 383.

O marco temporal final da pesquisa dá-se em 1968, quando a sociedade italiana de mútuo socorro em Uruguaiana foi transformada em sociedade ítalo-brasileira. Não mais existiam nacionais italianos no seu quadro. Assim, a Sociedade Italiana de Mútuo Socorro União e Beneficência passou a chamar-se Sociedade Ítalo-brasileira José Garibaldi. É um fato simbólico significativo, que tomamos por marco temporal final do período dissertativo.

Pretendemos narrar fatos produzidos por imigrantes, sobretudo via descendente ou descendentes, algumas das suas experiências, das suas relações sociais, das suas posturas numa linha e sub-região de fronteira onde situam-se três estados-nações. Além do mencionado sentido físico ou geográfico, fronteira abrange muitos sentidos. José de Souza Martins na magistral introdução da sua obra *Fronteira* escreveu que dentre as muitas disputas que a caracterizam, a que domina sobre as outras e lhes dá sentido "[...] é a disputa pela definição da linha que separa a cultura e a natureza, o homem do animal, quem é humano e quem não é." Logo acrescentou: "[...] tomo a fronteira como lugar privilegiado de observação sociológica e do conhecimento dos conflitos e dificuldades próprias da constituição do humano na construção de sociedades que vivem no limite e no limiar da história." E depois se referiu à alteralidade e à particular visibilidade do outro, "[...] daquele que ainda não se confunde conosco nem é reconhecido pelos diferentes grupos sociais como constitutivo do *nós*". [21]

Certamente serão narrações de ações como fio condutor da intriga que fala Paul Veyne na sua obra *Como se escreve a história*. Benito Bisso Schmidt também escreveu que, a partir dos personagens, outros fios podem ser puxados. [22] Seria o caso da referência ao espaço de sociabilidade por onde os imigrantes e descendentes passaram a circular, a construir e a modificar, com leituras, interpretações e reelaborações pessoais. E há de fazer sentido a cátedra de Norbert Elias ao acentuar que é com a interpenetração irrevogável de ações, necessidades, pensamentos e impulso de muitos seres humanos que se produzem estruturas e

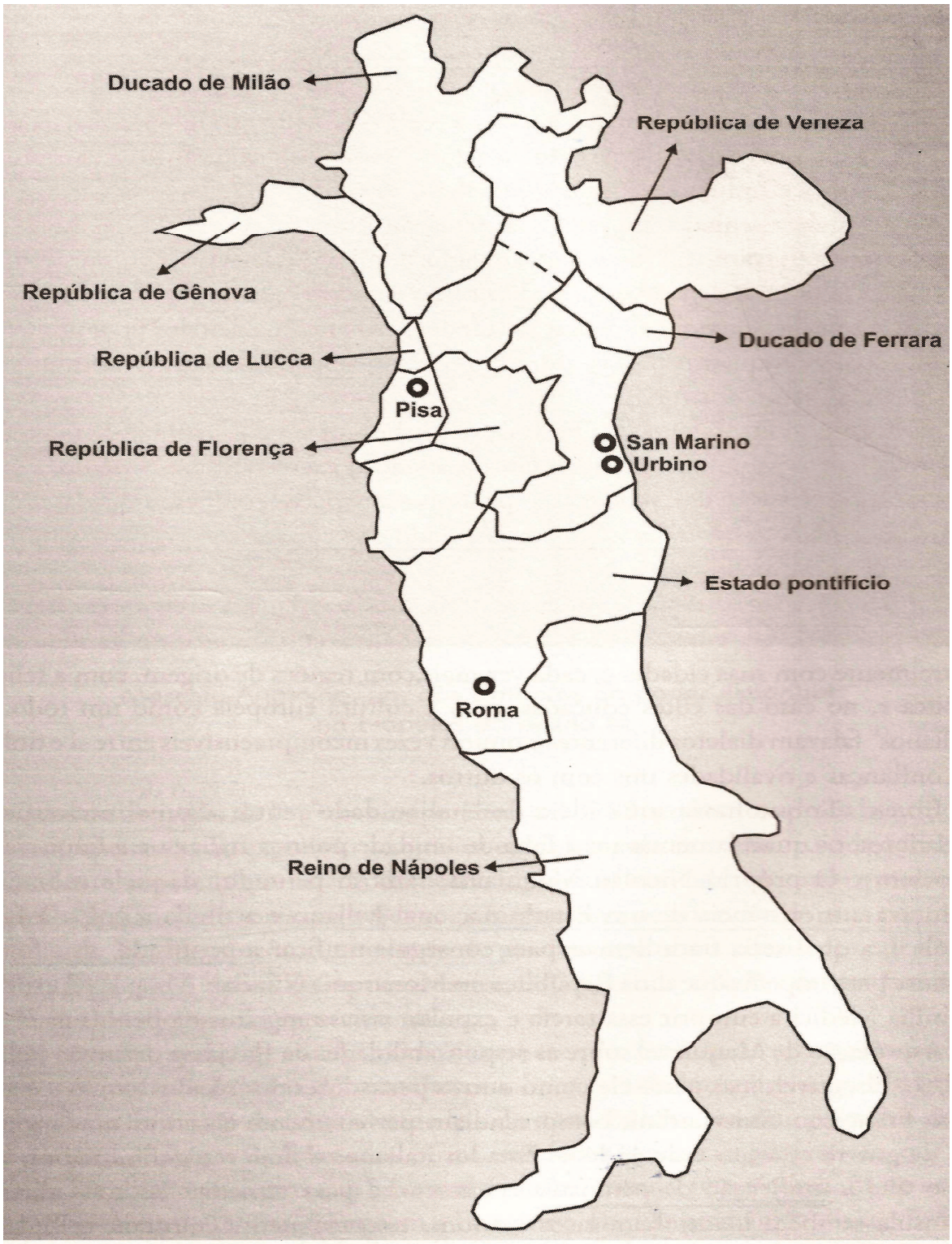
[21] MARTINS, José de Souza. *Fronteira* – a degradação do Outro nos confins do humano. São Paulo: Editora Contexto, 2009, p. 10.

[22] SCHMIDT, Benito Bisso. *A biografia histórica: o "retorno" do gênero e a noção de "contexto".* In GUAZELLI, Cesar Augusto Barcellos *et all* [Org.].Questões de Teoria e Metodologia da História. Porto Alegre: EdUFRGS, 2000, p. 125.

mudanças estruturais numa determinada ordem e direção, numa ordem *social*. [23] Segundo Bóris Fausto, imigrante é o indivíduo que vivencia duas sensações contrastantes. Diz por um lado, o rompimento e "[...] o encerramento de uma parte da existência". E, de outro, a chegada que cria expectativas e esperanças, ao lado de temores e incertezas.[24]

O tema também conduz à obra *A Fronteira*, de Tau Golin, com a sugestiva introdução de "A fronteira como centralidade entre a região e a nação". O seu autor chama a atenção para além da fronteira física internacional, para as fronteiras inter étnicas, para a mestiçagem. E acentua que a fronteira na história do Rio Grande do Sul assemelha-se à categoria gramsciana de ligadura: "Nela se encontram, ambíguas, tensas e em suas alteridades, a região e a nação". [25] Uma vez no Brasil, mais ainda na fronteira geográfica internacional, o imigrante passa a ser o outro e, nessa relação de alteridade, inicia a construção de uma nova identidade.

[23] ELIAS, Norbert. *Sociedade de indivíduos.* Lisboa: Publicações Dom Quixote Ltda., 1987, p. 57.
[24] BÓRIS, Fausto. *Imigração*: cortes e continuidade. In NOVAIS, Fernando A. [Coord.]. História da vida privada no Brasil. São Paulo: Cia. das Letras, 1998, p. 14-15 – vol. 4.
[25] GOLIN, Tau. *A Fronteira.* São Paulo: Editores LPM, 2002, p. 9-94 – vol. 1.



Itália em 1494.

Fonte: BERTONHA, João Fábio. *Os italianos*. São Paulo: Ed. Contexto, 2005, p. 37.

Figura nº 1.

Mapa da Itália não-unificada, do período do *Risorgimento* (1815-1860).

Fonte: MACHADO, Cesar Pires. *Buona Gente* – marcha para o Sul. Porto Alegre: Paper Graff, 2005, p.15.

Figura nº 2.

Regiões da Itália hoje.

Fonte: BERTONHA, João Fábio. *Os italianos*. São Paulo: Ed. Contexto, 2005, p. 65.

Figura nº 3.

1 A BIBLIOGRAFIA E CONTEXTUALIZAÇÃO

Rápida visualização da bibliografia e a contextualização pertinente ao tema proposto constituem o capítulo inaugural desta dissertação.

1.1 Os estudiosos e a bibliografia

A bibliografia existente sobre o tema imigração italiana na área da pesquisa é genérica e escassa. O cônego João Pedro Gay, de nacionalidade francesa, que foi pároco em São Borja ao tempo dos acontecimentos da invasão paraguaia, deixou alguns registros nos quais a literatura sobre imigração na área tem se escorado. Notícia sobre a presença do comerciante genovês Francisco Bergallo que foi ameaçado de morte pelos paraguaios e do qual encontramos informações em seu inventário no arquivo público do Estado. Gay também registrou outros saques, quantificando que, das 16 casas de negócios completamente saqueadas em São Borja, cinco pertenciam a brasileiros. Narra outros incidentes provocados pelos ditos invasores com italianos em São Borja e Itaqui. [26]

Luis Carlos De Boni e Rovílio da Costa noticiam o nome de alguns italianos que constituíram o que dizem presenças "[...] presenças pontuais e legado ao Rio Grande do Sul junto à população luso-hispano-indígena". Ao referenciarem o século 19, também escreveram que, a partir da segunda década daquela centúria, começou a aparecer em solo gaúcho outra classe de italianos – artesões, comerciantes, marinheiros, mascates, muitas vezes tomados pelo espírito de aventura. [27]

---

[26] GAY, João Pedro. *Invasão paraguaia.* Porto Alegre: IEL/EST/EdUCS, 1980, p.85-89.
[27] DE BONI, Luis Carlos; DA COSTA, Rovílio.[Orgs.] *Far La Mérica.* Porto Alegre: Riocell, 1981, p. 24-46.

Estes dois estudiosos apontam o porto de Montevidéu e o de Rio Grande como ancoradouros de tantos errantes italianos, servindo de porta de ingresso na Província. Acrescentam que, de início, "[...] são uns raros nomes, respigados em arquivos". Noticiam nomes de famílias de origem italiana: Pozzo, Brizzolara, Sacarello, povoando latitudes na zona da Fronteira. De Boni e Da Costa observam: "Enganar-se-ia, porém, quem pensasse que estes indivíduos poderiam também ser classificados como pertencentes a uma presença ainda pontual de peninsulares em solo gaúcho".[28]

Em uma outra obra, De Boni e Da Costa escreveram que dados governamentais revelam que entre 1859 e 1875 teriam entrado no Rio Grande do Sul, aproximadamente, 729 italianos. E apenas acrescentam: "Pelo que consta, muitos destes imigrantes provinham de Montevidéu e Buenos Aires, não sendo agricultores e passando a residir em cidades". [29]

Alejandro Grimson, para defesa de sua tese centrou sua pesquisa na fronteira Libres-Uruguaiana e fala do desafio em entender os diversos significados da nação e as formas em que ela é expressa e vivida pelos sujeitos que habitam o espaço fronteiriço. Lembra que a fronteira é uma construção simbólica em constante reformulação. [30]

Grimson trabalha o conceito de fronteirização, o estabelecimento da fronteira através do tempo em processo de longa duração, alteridade e alterização num contexto sócio-histórico. Fala em espaço, cotidiano, experiência dos habitantes, aí incluídos os italianos e seus descendentes, alteridade e fronteiras, tema este tratado por Tau Golin, em sua obra *A fronteira*. [31]

---

[28] DE BONI e DA COSTA, 1981, op. cit., p. 46.
[29] DE BONI, Luis Alberto; COSTA, Rovílio. *Os italianos no Rio Grande do Sul.* Caxias do Sul: EST/UCS/Vozes, 1982, p. 64.
[30] GRIMSON, Alejandro. *La nácion en sus límites:* contrabandistas y exilados en la frontera Brasil-Argentina. Barcelona: Gedisa, 2003 – Tese de doutoramento, UnB.
[31] GOLIN, op. cit, p. 15-34 – vol. 1.

Ana Luiza Setti Reckziegel classifica a fronteira física-geográfica "[....] como uma área compartilhada, moldada por uma história comum", classificação plenamente aplicável a esta dissertação.[32]

Manoelito de Ornellas, escritor e historiador, natural de Itaqui, que desempenhou funções na capital do Rio Grande do Sul, dentre as quais a de diretor do Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul, diz que diversos imigrantes procedentes da Itália chegaram na Argentina para ficar, mas seduzidos pelas notícias de progresso em Itaqui, muitos se deslocaram para esta cidade. Tangencia algumas marcas culturais deixadas pelos mesmos. [33] No escrito referido, relaciona o nome de quarenta e nove famílias, inclusive o nome da família do seu avô materno, Guglielmi, que teriam se estabelecido no local.

Em 1975, quando da comemoração do centenário da colonização e imigração italiana no Rio Grande do Sul, Sérgio da Costa Franco produziu matéria informando uma centena de nomes de famílias de origem italiana em cidades, que cita, situadas na linha de fronteira compreendida entre Santa Vitória do Palmar e Itaqui. [34]

Núncia Santoro de Constantino, referindo-se aos imigrantes italianos nas cidades em geral, diz que não existem publicações específicas sobre o grupo. Acrescenta que a experiência da imigração no Uruguai antecipou-se muito a dos outros países da América do Sul, com reflexos nos núcleos fronteiriços do Rio Grande do Sul desde o início do séc. 19. [35]

---

[32] RECKZIEGEL, Ana Luiza Setti. *O macro e o micro:* a região nas relações internacionais. In KERN, Arno Alvarez (Org.). Sociedades íbero-americanas. Porto Alegre: Edipucrs, 2000, p. 48.
[33] ORNELLAS, Manoelito de. *Terra Xucra*. Porto Alegre: Sulina, 1969, p. 38.
[34] FRANCO, Sérgio da Costa. *Imigrantes italianos na fronteira rio-grandense.* "In" Boletim da Biblioteca Pública do Estado – Número comemorativo ao centenário da colonização e emigração italiana no Rio Grande do Sul – Porto Alegre, nr 1/vol.2, 1975, p. 11-16.
[35] CONSTANTINO, Núncia Santoro de. *O italiano da esquina:* imigrantes meridionais na sociedade porto-alegrense. Porto Alegre: EST, 2008, p. 34.

Escreveu que os historiadores "[...] praticamente esqueceram a imigração espontânea nas zonas urbanas, melhor dizendo, nos mais antigos núcleos urbanos do Rio Grande do Sul." [36]

Fernando Devoto, argentino, professor de história e historiografia da Universidade de Buenos Aires e diretor da revista Estudios Migratórios Latinoamericanos, trata de tema vinculado com a imigração na fronteira sulina brasileira.[37]

Devoto, no prólogo da obra em referência, alude à chamada longa duração de Braudel. Alerta dizendo que pesquisa de tal natureza deve indagar em quadros cronológicos e espaços amplos, com prioridade a algumas perspectivas e conceitualizações. E a nossa pesquisa abrange o período de 1834 a 1968. Este autor lembra que os movimentos migratórios são dependentes de contextos históricos concretos. Diz que no período colonial tais estudos são escassos e fragmentados, chamando a atenção que até 1880, momento em que a ferrovia rearticula os espaços nacionais argentinos, tudo girava em torno do eixo fluvial Paraná e Uruguai.[38]

O autor em referência afirma que os imigrantes italianos dos primeiros tempos do século 19 não tinham clareza dos limites territoriais argentinos. Uma vez chegados ao Prata, dispersavam-se através das fronteiras nacionais argentinas. Exemplifica o caso dos genoveses, e a Itália como estado nacional ainda não existia, que se movimentavam ao longo do então citado eixo fluvial, expressamente falando em porosidade das fronteiras sul-americanas.

Fernando Devoto também refere as migrações nos lindes do território argentino, ressaltando que era difícil para alguns imigrantes perceber as diferenças existentes no outro

---

[36] CONSTANTINO, Núncia Santoro de . *Italianos na cidade:* Porto Alegre entre 1850 e 1914. "In" DAL BÓ, Juventino e *etalli,* [Org.]. Imigração italiana e estudos ítalo-brasileiros. Anais do Símpósio Internacional sobre Imigração Italiana. IX Fórum de Estudos Ítalo-Brasileiros. Caxias do Sul: EdUCS, 1999, p. 55.
[37] DEVOTO, Fernando. *Historia de la inmigración en la Argentina.* Buenos Aires: Sudamericana, 2004, p. 19.
[38] Ib., p. 11, 17 e 19.

lado da fronteira nos países vizinhos, já que a idéia de fronteira era tida como abstração, salvo os casos e momentos em que o indivíduo se desgarrava de um estado nacional e, ultrapassada a linha divisória, requeria regularização documental no outro lado. [39]

Elio Chaves Flores questiona a identificação da região da campanha. Flores a ressalta como histórica e etnicamente lusitana, e escreveu: "Quem nas cidades de fronteira e da campanha fazia a atividade mercantil e artesanal? Quem era o barbeiro, o sapateiro, o ourives, o padeiro e o pedreiro? A importação das necessidades alimentícias e têxteis estaria a cargo somente dos portugueses?" [40]

Stella Borges diz que, em Dom Pedrito, RS, encontram-se registros de imigrantes italianos a partir de 1860. Alinha 45 diferentes nomes de famílias de origem italiana naquela cidade: "Acredita-se que esse movimento imigratório para Dom Pedrito, a exemplo do que ocorreu em outras zonas de fronteira, como Santa Vitória do Palmar, tenha se processado a partir de Buenos Aires ou Montevidéu." [41]

Mais adiante, no trecho intitulado *Santa Vitória do Palmar: pesquisa em andamento*, Stella acrescenta: "[...] só podemos explicar a imigração italiana em Santa Vitória do Palmar numa dimensão histórica Uruguai e Argentina e não brasileira, portanto diversa do processo imigratório ocorrido no contexto do Rio Grande do Sul".

Nas folhas 28 e 29 da obra *Presenza italiana in Brasile*, referida na introdução, há uma crítica aos registros e documentários tratando da presença italiana no Brasil. A crítica é dirigida à literatura que tem privilegiado alguns enfoques como os venetos no Rio Grande do Sul e no Espírito Santo, a imigração em alguns estados brasileiros de destinação dos

[39] DEVOTO, 2004, op. cit., p. 20.
[40] FLORES, Elio Chaves. *No rastro dos gringos:* italianos na Bagé oitocentista. "In" Revista Veritas [volume 37/nº 35, páginas 95 a 102, março/92].
[41] BORGES, Stella. *Imigração italiana em região de fronteira:* Dom Pedrito e Santa Vitória do Palmar. "In" Etnias & Carisma. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

imigrantes e algumas regiões italianas de proveniência como o Vêneto, o Trentino e o Piemonte.

Essa crítica também diz que a literatura vem deixando a descoberto certos aspectos do fenômeno imigratório como os primeiros imigrantes italianos no nordeste do Brasil nos séculos 16 a 18 ou a imigração italiana no Estado do Rio de Janeiro, no final do século 19. A publicação referida, sob o patrocínio da Embaixada Italiana no Brasil, reforça dizendo que esses enfoques, citados exemplificativamente, têm sido descurados ou recebido uma atenção secundária pela literatura especializada.

1.2 A Itália e a emigração

Os imigrantes italianos inicialmente não procediam da Itália, mas do seu *paese* de origem, do seu povo, da sua vila, porto ou comuna – município. Tampouco se dirigiam ao Uruguai ou à Argentina, mas ao Rio da Prata, a Buenos Aires, a Santa Fé, a Montevidéu. [42]

A unificação da Itália contribuiu para que as pessoas e os produtos circulassem livremente e se processasse a integração de culturas diversas, inclusive a culinária. No período que antecedeu à grande imigração, a indústria italiana atravessava uma série de inovações e assim mesmo os trabalhadores beneficiavam-se muito pouco, notando-se que a base da alimentação apoiava-se no pão, sopa e legumes. O consumo da carne, produto escasso, ocorria em dias de festa, sob a forma de conservas para preservação no inverno, sendo que as frutas permitiam acalmar a fome, um dos motivos para a decisão de partir. E a imigração é vista como uma forma de combate à fome, tanto para os que partiam como para os que permaneciam na península. Esse panorama de fome só começaria a mudar com a imigração internacional.

[42]RILLA, José. *Del Lago al Rio*: historias de la inmigración lombarda en el Uruguay. Montevideo: Obsur, 2003, p. 44.

Como em outras áreas européias, na Itália, a transformação econômica e social das estruturas, o crescimento demográfico, a ruptura e reestruturação de antigos sistemas familiares de transmissão da propriedade estimularam a emigração para outros pontos da Europa ou para o além-mar. Este fato emigração ocorreu desde regiões distintas e em momentos diferentes. Às crises agrárias no Piemonte, Lombardia e no Vento, parte da população respondeu emigrando temporária ou definitivamente. Nos anos compreendidos entre 1809 e 1828, por exemplo, o destino principal dos genoveses que emigravam se encontrava no Mediterrâneo ocidental – na península ibérica, em especial em Gibraltar e na África do Norte, especialmente em Argel e Oran – e não no Rio da Prata.[43] Por exemplo, temos a família Risso em Gibraltar, depois com membros radicados em Montevidéu. [44] No capítulo 4, fazemos menção à apreensão, pela aduana brasileira em 1859, em São Borja, de barco e mercadorias de propriedade do súdito italiano Luis Risso, equivocadamente acusado da prática de contrabando. O mesmo seria pertencente a esta família.

Os naturais da península itálica emigravam para outros territórios, por muitas razões. Pelo aumento populacional, pela escassez de terra disponível, pela fragmentação secular das propriedades rurais, pelos hábitos e tradições jurídicas como a que permitia houvesse proprietários de apenas dois ou três pés de oliveiras. Também pela pressão fiscal que se caraterizava das mais elevadas da península, pelo endividamento agrário e pelo grande definhamento de algumas indústrias como a da seda.

Emilio Franzina, professor de história contemporânea na Universidade de Verona, faz abordagens sobre o êxodo dos italianos para o Brasil e antes de finalizar o alentado volume, tangencia o que chama de tardia pretensão de conquista territorial italiana. Referencia a aventura de conquista, pela força, de territórios na África. Diante de ânsia expansionista de certos pressupostos teóricos da época, também faz referência ao que chama de mito de uma "[...] Terra Prometida no Prata [...]". [45] João Fábio Bertonha, anteriormente referido, em sua obra *Os italianos*, também tangencia este tema sobre a política internacional da Itália nos

[43] DEVOTO, 2006, op. cit., p. 29-30.
[44] RISSO, Juan Ignacio. *Guía para navegantes:* la família Risso – de San Martino d´Albero, Génova. Montevideo: Edicion Liris, 2001, p. 9.
[45] FRANZINA, Emilio. *A grande emigração.* Campinas: EdUNICAMP, 2006, p. 419-seg., 438 e 441.

séculos e 19 e 20 e a sua tardia corrida em busca de territórios coloniais a exemplo de Portugal, Espanha, França e outros países.

O discurso sobre a nova Itália platina de 1882 suscitou fortes protestos, quando até mesmo Sarmiento, ex-presidente argentino, sugeriu moderação na fala de Atilio Brunialti, teórico do expansionismo demográfico, que difundia doutrina de expansionismo com a apologia de uma nova "[...] grande Itália [...]" no além-mar. "O problema dramático de expansão dos camponeses tinha se transformado definitivamente no problema falso e instrumental da 'expansão dos italianos', [...]". Na África, o projeto de expansão foi intentado por duas vezes contra a Abissínia. Da primeira tentativa de ampliação do império, em 1896, resultou a derrota italiana na Batalha de Adua. Quarenta anos depois, já no governo fascista, as tropas italianas finalmente conquistaram a Abissínia.[46]

A presença do italiano João Petrine em Itaqui é consequência desta aventura colonialista. Petrine, natural de Lamari na região da Toscana, quando alcançou a idade de *leva* – o serviço militar obrigatório – recusou-se a seguir para a guerra na Abissínia – **Figura nº 4** – onde um irmão estava lutando. Orientado por seu pai, em 1924, partiu para Buenos Aires, pretendendo lá conseguir visto para aportar em Washington, onde tinha outro irmão. Depois de ter vivido por cinco anos na província de Buenos Aires, trabalhou, mais ou menos durante dois anos, de motorista de pequeno veículo com tração sobre trilhos pertencente à companhia da estrada de ferrro BGS, no trajeto São Borja-Uruguaiana. Sofreu sério acidente de trabalho, ficou hospitalizado em Buenos Aires no Hospital Italiano durante seis meses. Quando teve alta, sem esperanças de uma oportunidade para chegar na capital americana, optou viver definitivamente no Brasil face o casamento com moça de origem italiana em Itaqui, cujos pais haviam emigrado do Salto, ROU. [47]

[46] FRANZINA, 2006, op. cit., p. 156-157.
[47] Entrevista de A.C. Flain Petrine. Itaqui, em 05/03/2010.

O Império colonial italiano no seu auge, após a conquista da Abissínia em 1936.

Fonte: BERTONHA, João Fábio. *Os italianos*. São Paulo: Ed. Contexto, 2005, p. 158.

Figura nº 4.

1.3 A imigração no Prata – substituição da herança *criolla*

No Prata, ao contrário do que ocorreu na América portuguesa, o período seguinte à independência caracterizou-se por uma grande dispersão populacional e por uma crescente fragmentação regional. [48] No capítulo inicial de *Fronteira* – volume 2, seu autor, Tau Golin, tece referências ao argentino Domingos Sarmiento, que concebeu um projeto no qual pensava a transformação argentina. Na obra Facundo é reivindicada a substituição do povo gaúcho e indígena. Anos depois, em 1861, em uma carta a Mitre o programa de Sarmiento englobava também o simples extermínio dos autótecnes. [49]

Golin lembra que no Uruguai, Manuel Hererra y Obes seguia Sarmiento. O presidente Bernardo Prudêncio Berro, da governança dos blancos, defendia uma posição que conciliasse o modo de vida pampeano com o progresso. A defesa uruguaia da implantação de colônias agrícolas no norte do Uruguai com nacionais ou imigrantes, foi fator expulsor da *invasão* de brasileiros. [50] A nossa pesquisa alcançou descendentes de imigrantes italianos procedentes do norte uruguaio.

O italiano Antonio Deferrari, oriundo das imediações de Artigas, entrou no Brasil pela cidade de Quaraí e residiu no interior desse município. Depois se radicou em Uruguaiana. O italiano Domingos Passamani, residiu em Bella União. Depois que viuvou, entrou no Brasil pela Barra do Quaraí e finalmente instalou-se na fazenda do irmão Benjamin, no interior do município de Itaqui. Ambos, Deferrari e Passamani, antes de alcançarem os locais onde permaneceram definitivamente, giraram por Alegrete, Santiago e São Francisco de Assis. A italiana Magdalena Dondo e seus pais foram para Livramento. É provável que antes também tenham realizado uma estada em terras uruguaias. De Livramento deslocaram-

[48] CARNEIRO, Newton Luis Garcia. *De volta à Fronteira* – uma inclusão aos fundamentos da cultura política sul-rio-grandense referente ao século XIX: a infiltração rio-grandense no Estado Oriental e a formação da identidade política regional. Porto Alegre: PUCRS, 2003, p. 71 – vol 1. Tese de doutoramento.
[49] GOLIN, Tau. *A Fronteira.* São Paulo: Editores LPM, 2002, p. 9-10 – vol.2.
[50] GRIJÓ, Luiz Alberto; KUHN, Fábio; GUAZELLI, Cesar Augusto Barcellos, *etalli* [Org.] *Capítulos de História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EdUFRGS, 2004, p. 134-135.

se para o Alto Uruguai, onde atualmente situadas Porto Mauá, Porto Xavier, na costa do rio Uruguai. Depois se mudaram para São Borja, onde Magdalena casou-se, em 1892. Os imigrantes citados têm em comum o fato de terem desembarcado em Montevidéu. Entraram no Brasil pela linha da fronteira sul e vivenciaram um período de itinerantes antes da localização definitiva. Vide Apêndice A.

A partir da queda de Rosas em 1852, ou seja, a partir de Caseros, ocorreram muitas mudanças na vida das províncias rio-pratenses que viviam situação conflitiva pelo surgimento de dois estados independentes e rivais: a Confederação Argentina, que reunia treze províncias e Buenos Aires. Ambos se esforçariam em promover políticas em favor da imigração, por abrir as portas ao comércio exterior, decretando a livre navegação dos rios, ajudados pela prosperidade da lã sobretudo em Buenos Aires, que impulsionava o que chamavam progresso. Estes fatos também afetariam os peninsulares italianos. A Constituição sancionada em 1853 garantia aos estrangeiros os mesmos direitos civis aos naturais argentinos, ambos no mesmo rótulo de habitantes. Ainda que não lhes concedesse direitos políticos, na Carta estavam previstos os trâmites para aquisição da cidadania argentina. Essas disposições necessariamente não atraiam os imigrantes já que na prática configurava letra morta face à situação do sistema judicial, a arbitrariedade das forças da ordem e das elites políticas. [51]

Em 1876 foi sancionada a Lei nº 817, de Imigração e Colonização, momento no qual o fluxo da população européia que chegava na Argentina encontrava-se no seu ponto mais baixo na última década. A nova legislação se propunha a ordenar um conjunto de iniciativas nacionais, provinciais e privadas que reforçavam seus objetivos. Além do impulso a um salto quantitativo, tinha também o objetivo de estimular melhora qualitativa, através do fomento da emigração proveniente de algumas regiões da Europa, pois notória era a presença de estrangeiros oriundos de certas regiões em detrimento de outras. O espírito dessa lei retomava os ideais de Juan Bautista Alberdi, de Bartolomeu Mitre e de Domingos Sarmiento, concebido para o imigrante como o povoador da pampa deserta e agente da civilização, que

[51] DEVOTO, 2004, op. cit., p. 54.

com seus conhecimentos e seus hábitos, erradicariam o que chamavam de barbárie enraizada nas "[...] massas populares das repúblicas americanas". [52]

Nos anseios imigratórios na Argentina estavam sonhos de ideais civilizatórios e mudança de mentalidades. Garcia Carneiro, em suas abordagens às relações político-partidárias platinas, tangencia visões com pechas de barbárie – as degolas, recursos ou práticas que também foram adotados ou cometidos pelos sul-rio-grandenses. [53] E concluiu:

> A pecha barbárie, teorizada principalmente por Sarmiento, não passava, portanto, de um mecanismo de manipulação política através do qual se buscava a desclassificação do grupo político adversário, fosse na Argentina ou no Uruguai. E tanto isso é verdade que os 'atentados' à civilização foram comum a ambas as partes, visto que as guerras civis platinas não conheciam, em regra, a feita de prisioneiros. [54]

Assim, a Argentina enfrentou grandes realizações idealizadas pela chamada geração de 37, representada por Alberdi, Mitre e Sarmiento, que proclamavam que *gobernar es poblar*. Para os mesmos, atrair imigrantes europeus e desenvolver a agricultura era sinônimo de civilizar. É do período 1852-1870 o impulso colonizador nas margens do rio Uruguai, que leva ao Brasil. Pelo lado político, no fundo os três próceres mencionados tratavam de remover as bases dos setores oligárquicos rosistas. As idéias gestadas em décadas a partir de Caseros e condensadas em corpo doutrinário, por alguns chamado de "projeto 80 – *proyeto del 80*", alavancaram a imigração como forma de impulsionar o progresso material.[55] Lamentável que a preocupação em resolver o problema do índio, na chamada *Conquista del Desierto*, tenha sido uma guerra de extermínio, uma faxina étnica como a que ocorreu no planalto brasileiro sul-rio-grandense.[56]

---

[52] BJERG, María. *Historias de la inmigración en la Argentina.* Buenos Aires: Edhasa, 2009, p. 19 e 21.
[53] DOURADO, Ângelo. *Revolução de 1893*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1997, p. 17.
[54] CARNEIRO, 2003, op. cit., p. 238.
[55] RAPOPORT, Mario. *Historia económica, política y social de la Argentina* [1880-2003]. Buenos Aires: Emecé Editores S.A., 2009, p. 30-33.
[56] GOLIN, Tau. *Etnocídio e herança indígena.* Passo Fundo: EdUPF, 1999.

Conforme Julio Djenderedjian, a Argentina foi totalmente transformada por imigrantes.[57] Entre 1850 e 1914, mais de quatro milhões e meio abandonaram a Europa e bateram às costas argentinas buscando um futuro mais promissor. E as mudanças mais importantes ocorreram no campo.

1.4 Proximidades de Montevidéu e Buenos Aires

Jacques Le Goff escreveu que a significação em história é essencialmente contextual. [58] O presente trabalho de dissertação muito repousa sobre informações advindas sobremaneira da tradição oral da descendência de um punhado de imigrantes de origem italiana que se instalaram em São Borja, Itaqui e Uruguaiana. São pontas de biografias de personagens do passado que também conduzem à noção de contexto. No campo do conhecimento acadêmico é uma espécie de retorno à biografia – com problematizações, uma visualização a trajetórias individuais frente ao descrédito das totalizações, dos modelos explicativos genéricos e das idéias de sujeito universal.

Na escassa bibliografia tangenciada, autores como Stella Borges acreditam que esse movimento migratório tenha se processado a partir de Buenos Aires ou Montevidéu. Susana Bleil de Souza, ao mostrar a integração do sul do Brasil com o Prata no século 19, lembra que o domínio do porto de Buenos Aires estendia-se sobre toda a região platina.[59] Como também o de Montevidéu.

Historicamente, a influência de Buenos Aires e Montevidéu sobre a área advém desde a época das Missões Orientais e do tempo do domínio dos espanhóis. Sob o aspecto econômico, as Missões viveram mais na dependência de Buenos Aires do que de Assunção,

[57] DJENDEREDJIAN. Julio. *Gringos en las pampas.* Buenos Aires: Sudamericana, 2008, p. 11 .
[58] LE GOFF, Jacques. *História e memória.* Campinas: EdUNICAMP, 1996, p. 41.
[59] SOUZA, Susana Bleil de. *Brasil-Uruguai, uma articulação regional revisitada.* CADERNOS DO CHDD, ano 6, primeiro semestre 2007, número especial, p. 57-89.

apesar da proximidade geográfica com esta.[60] Através do rio Uruguai, desde o tempo dos jesuítas havia um sistema de trocas.[61]Nessa época o oeste rio-grandense aparecia com seu produto principal, a erva-mate, do qual a Companhia de Jesus tirava os seus maiores ganhos.[62]

Já quase no final do domínio da Ordem dos Jesuítas em tais territórios, produtos da pecuária passaram a ser fonte de rendimentos. Dentre as estâncias jesuíticas que conferiram expressão econômica de relevo onde situados os três municípios objeto da pesquisa, destaca-se a estância de Yapeju, na margem esquerda do rio Uruguai e ao sul do rio Ibicuí, sendo a maior e a mais conhecida das estâncias.[63]

Passado o período colonial, os portos e as cidades-capitais de Montevidéu e Buenos Aires continuaram exercendo grande influência sobre a Província do Rio Grande do Sul. O interior da mesma era mal e pouco conectado, inclusive com a própria capital, Porto Alegre. A rede hidrográfica desta hoje unidade da Federação brasileira, especialmente nos três municípios considerados na linha com a Argentina, supriu a falta dos caminhos terrestres.

A influência também se fazia sentir na instrução e na cultura. Quem residia na fronteira brasileira e tinha possibilidades, mandava seus filhos estudarem em Montevidéu ou Buenos Aires. No capítulo seguinte, faz-se menção ao inventário do italiano Manoel Di Amico, que residiu em Itaqui e faleceu em 1856. Vê-se que na época o seu filho Nicolao Di Amico estudava na capital uruguaia, numa escola chamada Colégio Montevideano. Esse italiano tinha bens no Salto e em Constituição, departamento do Salto. No mesmo capítulo há notícia sobre o italiano Paulo Difendante Minoggio e o seu filho Paschoal, que nasceu em 1874 e formou-se na Escola de Belas Artes de Buenos Aires. Depois se tornou arquiteto conhecido na região, o que foi confirmado por entrevista de familiar.[64] Caitano Caffarate,

---

[60] CESAR, Guilhermino. *História do Rio Grande do Sul* – período colonial. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2002, p. 232.
[61] DONGHI, Tulio Halperin. *Revolución y guerra* – formación de una elite dirigente en la Argentina *criolla.* Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2005, p. 28-30.
[62] CESAR, 2002, op. cit., p. 232.
[63] REICHEL, Heloísa Jochims. *Fronteiras no Espaço Platino*. "In" BOEIRA, Nelson; GOLIN, Tau (Coord. Geral). Colônia, Passo Fundo: Méritos, 2006, p. 49 – vol. 1.
[64] Entrevista de R. Sastre Minoggio. Itaqui, em 15/03/2010.

filho do italiano Ângelo Caffarate estabelecido em Itaqui, nas primeiras décadas de 1900 teria estudado em escola especial para surdos-mudos em Buenos Aires, onde tinha parentes.[65]

A conexão do rio Uruguai com as duas capitais mencionadas foi de importância fundamental para o desenvolvimento dessas três comunidades, que sempre tiveram esse rio por elo com o mundo de origem espanhola, além da ligação consigo mesmas e as demais províncias brasileiras. [66] Escreveu Susana Bleil de Souza que na década de 1830, o rio Uruguai representava para muitos produtos, uma via de entrada ou saída mais barata que a terrestre. Numerosos barcos seguiam a rota Montevidéu, Salto, São Borja, Alegrete e outros pontos das Missões, conduzindo manufaturas – têxteis, louças, artigos de ferro, vinhos e outros, incluindo produtos de origem brasileira como aguardente, fumo e açúcar – e retornando com couros e outros derivados da pecuária para serem reexportados por Montevidéu. Obviamente que as localidades banhadas por cursos d´água de expressão menos avantajada, como Alegrete debruçada sobre o rio Ibirapuitã, só eram alcançadas pelas embarcações na época das cheias.

Bleil de Souza evidenciou também o então comércio de trânsito na periferia do território brasileiro e que muita pujança deu ao porto de Montevidéu. Localizado na boca de uma bacia hidrográfica, estendia os dedos dos seus rios ao Rio Grande do Sul, Paraguai e Mato Grosso. O dinamismo viário e comercial a partir da capital uruguaia, dotada de um bom porto, foi a resposta à penetração brasileira com aquisição de propriedades rurais e o estabelecimento de fazendas de criação, sobretudo no norte. Com tarifas baixas de importação, o Uruguai se tornou um tradicional importador dos produtos europeus.

Observa-se que existiram em Itaqui e Uruguaiana casas comerciais de expressão, importando seus itens de venda diretamente da Europa, como a antiga Casa Degrazia, a Casa R. Machiavello, a Casa Buon Marchè, a Casa Moretti, pertencentes a italianos ou a descendentes da primeira geração. De outra parte, o mesmo porto de Montevidéu servia de

[65] Entrevista de A. Ardais, A. Caffarate e C. Caffarate Ortigara. Itaqui, em 12/03/2010.
[66] SOUZA, 2007, op. cit., p. 57-89.

escoadouro para as exportações do oeste e sudoeste rio-grandense ou do Paraguai e de algumas províncias argentinas. Sabe-se que até a década de 1920, os saladeiros de Itaqui, Uruguaiana e Quaraí exportavam seus produtos através do porto de Montevidéu.

Os habitantes desses três municípios sempre tiveram relações com essas duas capitais, inclusive os italianos chegados ao Brasil através de Buenos Aires ou Montevidéu – **Figura nº 5,** abaixo. Ainda restam alguns testemunhos materiais. Descendentes dos italianos Ítalo Drago, João Schenini e Domingos Moretti, entrevistados, têm móveis antigos em pleno uso na residência, que foram adquiridos nas capitais referidas. F. N. Dornelles Drago dispõe de um cofre que, segundo a tradição familiar, teria sido adquirido em Buenos Aires e enviado para São Borja através da navegação no rio Uruguai.[67] Como consta no Apêndice A, em 1869 o ítalo-descendente Emigdio Bonorino viuvou. No inventário da viúva, observa-se a existência de uma conta para com a Casa Dimarchi Irmãos e Cia., da qual era cliente em Buenos Aires. [68] Depoimentos de descendentes de italianos atestam a dependência da população dessas três cidades, São Borja, Itaqui e Uruguaiana quanto a recursos médicos nas capitais platinas referidas.

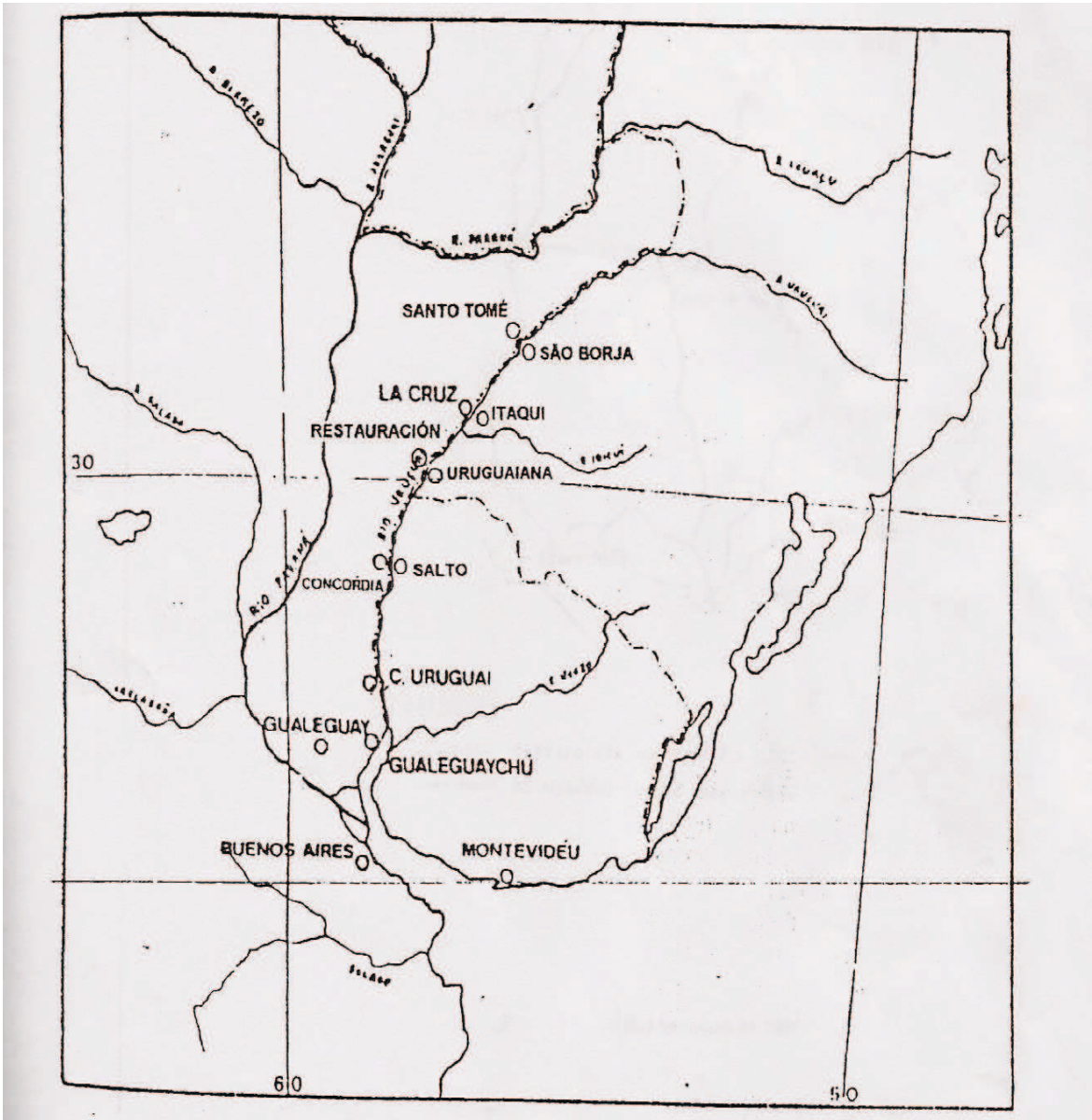
O italiano Ângelo Caffarate, na terceira idade, procurou recursos médicos em Buenos Aires.[69] O italiano João Schenini, residente em Itaqui e em fase de empresário próspero, levou um familiar para consulta médica em Buenos Aires. Duas surpresas: o médico que o atendeu era o estudante de medicina para o qual havia trabalhado de cavalariço na fase de imigrante na Argentina. Com esse mesmo médico teve sério desentendimento em consequência do preço cobrado pelo profissional de medicina. [70] Na década de 1930, o italiano João Petrini, que trabalhava na companhia estrada de ferro, BGS, em Uruguaiana, sofreu um acidente e ficou seis meses baixado no Hospital Italiano em Buenos Aires.[71] A esposa do referido João Schenini, precisou realizar uma cirurgia em Buenos Aires e lá

[67] Entrevista de F. N. Dornelles Drago. São Borja, em 12/03/2010.
[68] APERGS – 1877. Inventário nº 288, Maço 10, Estante 114.
[69] Idem entrevista de A. Ardais, A. Caffarate e C. Caffarate Ortigara.
[70] Entrevista de M. L. Cademartori Aramburu e M. C. Cadermartori de Moura, Itaqui, em 08/11/2009.
[71] Idem entrevista de A. C. Flain Petrine.

faleceu, retornando seus familiares com o féretro pelo trem argentino até Alvear.[72] No começo da década de 1950, Nelson de Menezes, neto do italiano Ângelo Passarello que se radicou em Uruguaiana, recorreu a serviços médicos em Buenos Aires. [73]

Assim, vê-se que a influência das duas citadas capitais platinas, Montevidéu e Buenos Aires, sobre a área objeto da pesquisa remonta ao tempo das Missões Orientais e à época do domínio territorial espanhol. Também é patente que essa influência continuou até tempos mais recentes quando as populações na jurisdição brasileira tinham mais facilidade de ligação com as duas mencionadas capitais do que com a capital do Rio Grande do Sul. Neste particular o rio Uruguai teve papel fundamental até o advento das estradas de ferro. A motivação econômica na região platina brasileira e a de fala espanhola, especialmente nas bordas do rio Uruguai, muito se confundia face aos interesses complementares, sobretudo o comércio e por longo período o da erva-mate, no item subsequente.

[72] Entrevista de P. Schenini. Porto Alegre, em 20/11/2009.
[73] Entrevista de N. de Menezes. Uruguaiana, em 23/02/2010.



Fonte: Mapa baseado em MEDRANO, Lilia Inês Zanotti de. *A livre navegação dos rios Paraná e Uruguay:* uma análise do comércio entre o Império Brasileiro e a Argentina (1852-1889). São Paulo: USP. 1989. Tese (Doutorado em História). Departamento de História. Instituto de Filosofia. Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. 1989., p.114, e nas pesquisas realizadas em outros diversos livros e documentos analisados.

Principais portos fluviais argentinos, brasileiros e uruguaios do rio Uruguai na segunda metade do século XIX.

Mapa de localização dos principais portos fluviais argentinos, brasileiros e uruguaios do rio Uruguai na segunda metade do século 19.

Figura nº 5.

1.5 Características da área e o espaço econômico

O espaço era dotado de características econômicas, sociais e culturais comuns, extensivas a estes três municípios brasileiros anteriormente referidos, razão da escolha para este trabalho, afora as razões de caráter histórico e geográfico em comum. A área física onde se circunscrevem São Borja, Itaqui e Uruguaiana situa-se no interior do espaço platino, ou região platina. Menciona Reichel que de acordo com a geografia, a organização de uma região ocorre a partir da relação que o homem estabelecer com a natureza, "*[....] principalmente através do seu trabalho, resultando dessas trocas espaços geográficos, dotados de especificidades naturais, econômicas e humanas*".[74]

Como essa área possuía uma grande riqueza pecuária, era natural que muitos para ali se deslocassem, atraídos pelas possibilidades de viver da sua exploração, onde o processo de ocupação era feroz, havendo na borda fronteiriça a potencialidade de comércio ilegal rendoso.[75]

Erva-mate

Sabe-se que o comércio, inicialmente com a erva-mate, foi muito ativo na área em função da proximidade da vizinhança de origem espanhola. Desde longa data a erva foi um item de exportação das Missões.[76] Em 1819, depois de ser comercializada no mercado interno, passou a ser exportada para todo o Prata. [77] E essa exportação passou a ser realizada por Itaqui:

> Houve o período da erva, isso lá pelos anos de 1824. A produção era escoada através do porto de São Borja, distante 90 quilômetros. Mas como

[74] HEICHEL, 2006, op. cit., p. 44.
[75] Ib., p. 54-55.
[76] CÉSAR, 2002, op. cit., p. 232.
[77] HEICHEL, 2006, op. cit., p.58.

> havia o fisco neste porto, geralmente o pessoal preferia descer por Itaqui, onde estava instalada a guarda de Fabiano Pires de Almeida que não preocupava muito pois essas forças eram encarregadas apenas de zelar pelas fronteiras e, não tinham nada a ver com pagamento de impostos. [78]

Esse produto alavancou a emancipação política do distrito da Cruz, que se desmembrou de São Borja. Pelo rio Uruguai, a partir de Itaqui era feito o carregamento de grande quantidade de erva-mate que descia das Missões para os países do Prata, para outros pontos da Província e províncias vizinhas. José Hemitério Velloso da Silveira, a partir de 1855, foi juiz em São Borja, com jurisdição também em Itaqui. Depois residiu em Cruz Alta. Na sua obra as *Missões Orientais e seus antigos domínios*, ao escrever sobre Cruz Alta, informa:

> Findo o tempo da safra e o começo da exportação da erva-mate desde outubro até janeiro seguinte, passavam diariamente dezenas de carretas, procedentes de Palmeira, Nonoai e Soledade conduzindo grandes carregamentos de erva-mate com destino à Fronteira Oriental ou a Itaqui, por muitos anos o empório desse produto da melhor indústria missioneira.[79]

A movimentação de erva-mate, riqueza natural movimentada pelos naturais da terra, pelos brasileiros descendentes de lusos, por imigrantes e sobretudo de origem italiana chegados pelo Prata, repercutiu na linha da fronteira com a Argentina, em São Borja e em Itaqui, sendo esta elevada à categoria vila em 1858: "Torna-se Itaqui uma pequena e ativa praça comercial, tirando de São Borja o empório do comércio de erva-mate". [80]

O cônego Gay, vigário em São Borja, e Hemetério, contemporâneos desses fatos econômicos, tiveram séria desavença em função da proposta da emancipação de Itaqui. Gay escreveu: "A Vila de Itaqui é uma povoação nova que tem tido um aumento rápido por causa do extraordinário desenvolvimento de seu comércio de erva-mate". [81]

---

[78] SILVA, Sany Fontoura da. *Itaqui:* primeiros governos – 1859 a 1896. Jornal Zero Hora, 10/08/1976, p. 20.
[79] SILVEIRA, 1909, op. cit., p. 102 e 268.
[80] Ib., p. 383.
[81] GAY, 1980, op. cit., p. 106.

O inventário de Manoel Di Amico refere o assunto. Seu genro Vicente Lopez encontrava-se em Montevidéu e numa das cartas que remeteu ao seu padrinho Manoel Batista Canepa, comerciante falido na praça e inventariante de Manoel Di Amico, informam sobre o preço da erva-mate. Testemunha a suba, elevação de preço [na carta de 30/07/1860] e, em carta posterior, fl. 85 [de 19/09/1860], pede a João B. Canepa que lhe antecipe, por correio, a quantia de erva que remeteria a Montevidéu.

O grande volume desse comércio, que atraia mais de quatro mil carretas anuais, puxadas por bois, descarregando esse produto em Itaqui, chamou a atenção quanto a origem do mesmo, provocando, em 1861, uma interpelação do então Presidente da Província de São Pedro à Câmara de Itaqui, para que esta informasse a respeito da produção de erva pelo município. O presidente da Câmara local, em ofício de 15 de novembro daquele ano, esclareceu o assunto: "Não existe um só pé de erva-mate no município, quer em terras particulares, quer em terras devolutas".[82]

Embora Pahim, historiador municipal, não indique a fonte da sua informação, parece residir nos escritos já tangenciados do cônego João Pedro Gay, que, em 1863 escreveu: "Calcula-se que entram annualmente em Itaqui quatro mil carretas carregadas de herva mate".[83]

Em 1858, Robert Lallemant, médico alemão, viajando pelo sul do país esteve em São Borja, Itaqui e Uruguaiana. Escreveu que a vila de Itaqui era do tamanho de São Borja, com cerca de 2.000 habitantes, de fundação moderna, que crescia a olhos vistos, era animada por várias atividades e que, antes de tudo, tinha um comércio realmente ativo. Informa a existência de pelo menos cinquenta lojas, grandes e pequenas. [84]

---

[82] PAHIM, Jesus. *O portal do Rio Grande.* Itaqui: Novigraf, 2006, p. 11.
[83] GAY, Cônego João Pedro. *A História da República Jesuítica do Paraguai*. Rio de Janeiro: Typ. de Domingos Luiz dos Santos, 1863, p. 391.
[84] AVÉ-LALLEMANT, Robert. *Viagem pelo Sul do Brasil.* Rio de Janeiro: INL, 1953, p. 272 – 1º vol.

A respeito dessas lojas, Lallemant registrou: "[...] parece que em todas se ganha dinheiro. Quase todos os produtos europeus lá se encontram e se vendem a enormes preços. Um dos principais artigos de exportação de Itaqui é o mate". Esse viajante acrescentou que, com o uso do mate, estabeleceu-se em Itaqui certo castelhanismo: "Quase se admite que é aqui o começo das repúblicas espanholas". E, sobre Uruguaiana, deixou assentado o seguinte: "A cidade propriamente está ainda em começo. Já se apresenta, todavia, nova e opulenta na encosta e no alto da margem, com belas e largas ruas traçadas de acordo com uma planta". Lallemant, o médico viajante, assim registrou o perfil das vilas de Itaqui e Uruguaiana à mesma época, viçoso face a um comércio ativo. E quem praticava esta atividade econômica?

1.6 Comércio e transporte da erva-mate

Os rio-grandenses não estimavam a profissão de comerciante, por considerá-la atividade própria de ladrão, literalmente assim registrou Moacyr Flores. Preferiam o serviço público. [85] Italianos e descendentes postados na fronteira realizavam a atividade comercial com a erva-mate. O inventário de alguns como Alexandre Lombardo, Antonio Bonorino, Francisco Bergallo e Manoel Di Amico, comprovam esta afirmação.

Inclusive o segundo dos mencionados, residiu em São Borja e Itaqui. Depois se mudou para Cruz Alta e continuou comerciando, onde faleceu em 1875. O seu inventário mostra a existência de erva-mate entre outras mercadorias estocadas em Itaqui e no mesmo vê-se que uma das filhas, de nome Palmira, casada com José Palmeiro Arttayata, encontrava-se residindo no centro dos ervais, em Nonoai, RS. [86]

Como parte dos negócios no interior do espaço econômico regional e que também implicou mudanças econômicas, sociais e a atração de comerciantes estrangeiros, carretas

[85] FLORES, Moacyr. *República rio-grandense:* realidade e utopia. Porto Alegre: Edipuc, 2002, p. 99.
[86] APERGS – 1875. Inventário nº 185, Maço 7, Estante 61.

que baixavam a serra levando erva-mate para exportação pelo porto de Itaqui, retornavam ao planalto sul-rio-grandense e à Cruz Alta com carregamento de "[...] lajes trazidas da longínqua Itaqui [...]" como escreveu Rossano Viero Cavalari, tanto assim que em Cruz Alta havia a "[...] Rua do Itaqui [...]":

> [...] a longa Rua do General Osório, antiga Rua do Itaqui, pois por ela transitavam anteriormente, os carregamentos das lajes de rio, próprias para o calçamento dos passeios públicos, provenientes daquela cidade fronteiriça, de onde eram extraídas. A propósito, Itaqui na língua indígena significa pedra de rio. [87]

Maria Luiza Martini, no capítulo *Tatu, caboclo, gaúcho a pé*, na obra intitulada *Império*, também se baseando no citado José Hemetério Velloso da Silveira e utilizando a metáfora intitulada diáspora, escreveu longamente sobre a produção da erva-mate nas florestas e ervais da região de Cruz Alta, que até 1857 abrangia Palmeira das Missões, Soledade e Passo Fundo.[88] Nessa vasta extensão territorial, que a autora diz do pobre e ignorado no Rio Grande do Sul, com a coleta da erva em mutirões ou pichirões, foram montados carijos, engenhos e monjolos para a preparação da erva-mate em função dos preços animadores para os fabricantes. Isso tudo atraiu mercadores, comerciantes e oportunizou a abertura de estradas que conduziam a muitas direções. Apresentamos um caso exemplificativo a tudo quanto escrito por Martini.

Dentre as entrevistas de descendentes de imigrante de origem italiana, há uma que forneceu o início da descoberta de uma diáspora da época da pujança da erva-mate, em meados dos anos oitocentos. Exemplifica haver no tecido social regional a presença da mestiçagem de descendentes de luso-brasileiros e de italianos, estes chegados pelo Prata. Os ancestrais de muitos habitantes dos tempos atuais participaram do povoamento do planalto rio-grandense ervateiro e do povoamento da linha de fronteira. O caso mostra que descendentes de pessoas que lidavam com a erva-mate em pólos sociais diversos,

---

[87]CAVALARI, Rossano Viero. *O ninho dos pica-paus:* Cruz Alta na Revolução de 1893. Porto Alegre: Ma rtins Livreiro, 2001, p. 50 e 85.

[88] MARTINI, Maria Luiza. *Tatu, caboclo, gaúcho a pé.* "In" BOEIRA, Nelson; e GOLIN, Tau [Coord. Geral]. Império. Passo Fundo: Méritos Ed., 2006, p. 155-182.

amalgamaram-se através do casamento muitas décadas depois de um período sócioeconômico completamente diverso.

A ítalo-descendente I. M. Bonorino Figueiredo é bisneta do imigrante Antonio Bonorino – Apêndice A, que se tornou comerciante de erva. A entrevistada, que nasceu e residiu por mais de sessenta anos no interior do município de Itaqui, em 1948 casou-se com o mascate Marciano Messa Figueiredo. [89] Informou que o avô do seu esposo era originário de Rio Pardo, chamava-se Marcelino e que com os seus eram carreteiros.[90] Carreteavam, com carretas de bois, erva de Palmeira das Missões para Itaqui. Aprofundada a pesquisa no arquivo público do Estado do Rio Grande do Sul e nos registros paroquiais de Rio Pardo sob a guarda da secretaria da Cúria Metropolitana na capital do Estado, consolidou-se a informação oral através da descoberta de dois inventários, elaborados em 1854 e 1867.

O mencionado Marcelino, cujo nome completo era Marcelino José, o seu pai Custódio José, os tios Francisco José, Manoel José e Josepha Luiza, todos com o sobrenome "[...] de Figueiredo [...]", eram naturais de Rio Pardo, onde moravam – **Figura nº 6**. É o que consta nos autos do inventário aberto por Josepha em São Borja em 1854, referente aos pais dos nominados – Francisco José de Figueiredo e Ignácia Joaquina Perpétua – **Figura nº 7**. [91] Custódio mudou-se para a Vilinha da Palmeira, embrião da atual Palmeiras das Missões, à época município de Cruz Alta. Comprova esse fato carta precatória nesse inventário, expedida pelo juiz de São Borja para o juiz de Cruz Alta, visando contatar o dito Custódio que, segundo consta nos autos, encontrava-se na Vilinha.

A Vilinha da Palmeira era local ervateiro por excelência. Foi o fulcro dos primitivos carijós e pousada das caravanas de carretas que conduziam as riquezas da antiga capitania. Mozart Pereira Soares registrou que o destino da produção de erva do entorno da Vilinha era Itaqui, "[...] aonde se efetua quase exclusivamente a exportação deste gênero para

[89] Entrevista de I. M. Bonorino Figueiredo e M. S. R. Bonorino Figueiredo. Florianopólis, em 20/06/2010.
[90] Registro Civil em Itaqui. Nascimento nº 364, Livro 4-A, folha 98-verso, lavrado em 07/12/1932.
[91] APERGS – 1854. Inventário nº 50, Maço 2, Estante 114.

fora da Província." Para mostrar a importância da produção da erva-mate para a região em seus começos, acrescentou:

> [...] a erva pode ser considerada o terceiro gênero de comércio da Província, depois do gado bovino e do muar; e porque no seu fabrico ela não exige capital algum, visto a árvore apresentar-se silvestre e não necessitar trabalho de cultura, ela atrai a preferência da população pobre dos municípios onde existem ervais. Habituados a este gênero de comércio, a erva figura, muitas vezes [...] como meio circulante. [92]

Custódio seguiu para a Vilinha. Os seus irmãos deslocaram-se para o município de Itaqui, na época território de São Borja. Estabeleceram-se na localidade que passou a chamar-se *Figueiredos*, distante sete léguas de Itaqui, na margem da antiga estrada real para Cruz Alta ou à Serra, exatamente no ponto onde bifurcava-se para São Borja, estrada essa mencionada em ata transcrita na obra *Câmara de Vereadores*.[93] Trata-se da estrada geral de ligação de Cruz Alta e dos Ervais com Itaqui na obra *A Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai*, assim: "Estigarríbia [...] marchando vagarosamente, demorou-se um dia no Passo das Pedras, anteriormente ocupado por Fernandes, e depois dirigiu-se sobre a coxilha por onde passa a estrada geral que vai de Cruz Alta e dos Ervais para Itaqui". [94] "Estigarribia [...]": Antonio de La Cruz Estigarribia, tenente-coronel paraguaio comandante das tropas que invadiram o Sul por São Borja.[95] "[...] Fernandes [...]": Antonio Lima Fernandes, tenente-coronel brasileiro – vide final do item 4.6 Integração e assimilação de hábitos e costumes, adiante. A coxilha no trecho transcrito é a chamada Coxilha Rincão da Cruz, que aparece em mapas antigos, desde as imediações da cidade de Itaqui às proximidades da atual localidade Maçambará. De tal forma, foi estabelecida uma ponte de carreteiros em família, que transportavam erva-mate de Palmeira das Missões para Itaqui. Esses irmãos achavam-se entre os anônimos que conduziam as noticiadas quatro mil carretas puxadas por bois com

---

[92] SOARES, Mozart Pereira. *Santo Antonio da Palmeira*. Porto Alegre: Editora Bels, 1974, p. 88 e 117.
[93] COLVERO, Ronaldo Bernardino; e SOARES, Luiz Matias, [Orgs.]. *Câmara de Vereadores de Itaqui* – 152 anos de História – Resgate da História Política de Itaqui. Porto Alegre: Faith Ltda., 2010, p. 94.
[94] SCHNEIDER, L. *A Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai.* Porto Alegre: Editora Pradense, 2009, p. 272.
[95] Disponível: http://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_do_Paraguai – Acesso em 15/05/2011.

carregamento de erva e que entravam em Itaqui anualmente, conforme narrativa do cônego-historiador João Pedro Gay. [96]

Os carreteiros mencionados se enquadram na perspectiva da autora de *Tatu, caboclo, gaúcho a pé.* Os inventários abertos em 1854 e 1867 evidenciam matizes do panorama da época. No primeiro deles, consta que os pais de Custódio faleceram em Rio Pardo, RS. Nesse documento observa-se extrema pobreza material com a inexistência de bens a inventariar e na relação dos herdeiros consta o nome de nove menores órfãos, filhos de uma herdeira já falecida. A representação em juízo dos então chegados em São Borja foi feita pelo padre Coriolano de Souza Passos, depois primeiro pároco de Itaqui.

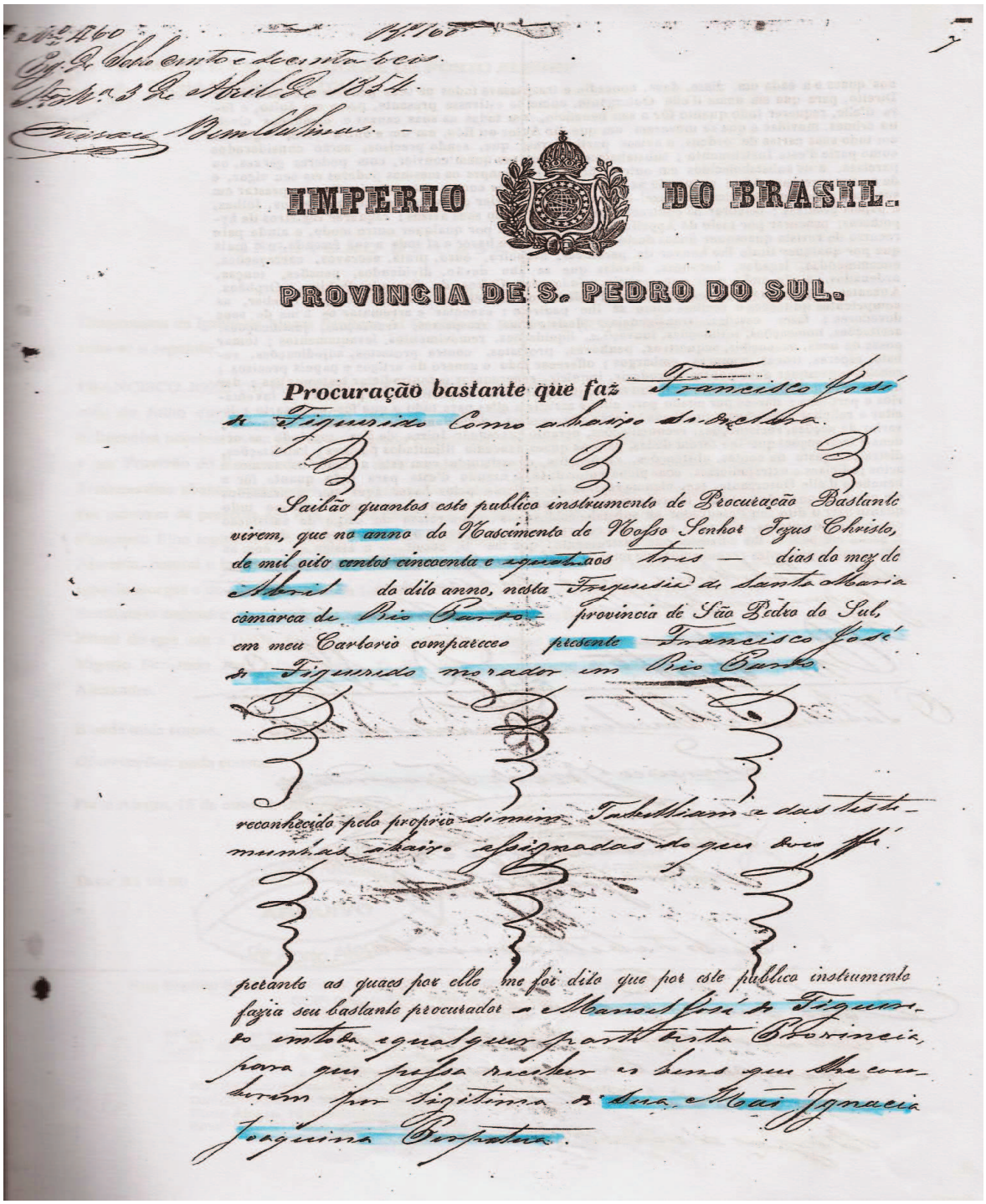
O segundo desses inventários, realizado em 1867 em Itaqui, quando já elevada à categoria de vila, é do próprio Custódio, aberto no interior do município – na Fazenda São Domingos, localizada na bifurcação da estrada noticiada no parágrafo anterior e que consta em mapa nos autos de medição de campo e em inventário do tenente-coronel Domingos Corrêa, ou Domingos Correia. [97, 98] Este proprietário é mencionado por Raul Pont em *Campos Realengos*. [99] Foi militar, era natural de Pernambuco e, segundo sua folha de serviços no arquivo histórico do Exército Brasileiro, veio para o sul para lutar na Guerra da Cisplatina. O referido mapa de medição de campo indica além da sede dessa fazenda, a localização próxima de açude, construído em 1860, e ainda existente nos Figueiredos, aguada onde os paraguaios deram de beber à cavalhada da coluna Estigarríbia, atualmente parte da sucessão Marciano Messa Figueiredo. Ainda em relação ao inventariado Custódio, teve este sete filhos, incluindo-se o noticiado Marcelino José, genro de Domingos Corrêa por casamento com a filha Amélia Corrêa. Um outro filho que se chamava Bento José, de 19 anos, encontrava-se no "[...] serviço militar [...]". Também consta o nome de outro filho, Ignácio José, de 21 anos,

[60] GAY, 1863, op. cit., p. 391.
[97] APERGS – 1867. Autos de Medição nº 233, Maço 6, Estante 115.
[98] APERGS – 1869. Inventário nº 169, Maço 6, Estante 114.
[99] PONT, Raul. *Campos realengos*: formação da fronteira sudoeste do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Edigal, 1986, p. 510.

"[...] acha-se no exército que opera contra o Paraguay".[100] Este retornou daquele conflito, mas perdeu um braço conforme ainda relembram familiares seus.

Vê-se que, como conta a história, o processo de ocupação e povoamento das bordas da província sulina fez-se com os luso-brasileiros situados no interior da mesma e com migrantes, nacionais e estrangeiros. Não há dúvidas acerca da origem lusa desses carreteiros de erva-mate, que deixaram descendentes em Itaqui, em Palmeira das Missões e outros lugares. Certidão do casamento religioso ocorrido em Rio Pardo em 1800 e o mencionado inventário do respectivo casal em 1854, em São Borja, comprovam que Ignácia Joaquina Perpétua era açoriana, batizada em Angra, cidade localizada na Ilha Terceira, nos Açores – **Figura n° 8**. [101] E fonte também paroquial comprova que Francisco era filho de português de Santarém, situada na margem direita do rio Tejo.

[100] APERGS – 1867. Inventário nº 146, Maço 5, Estante 114.
[101] Cúria Metropolitana de Porto Alegre. Certidão de Casamento, Livro nº 2B, fl. 197-verso, da Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Rio Pardo, RS.



IMPERIO DO BRASIL.

PROVINCIA DE S. PEDRO DO SUL.

Procuração bastante que faz Francisco José
de Figueiredo Como abaixo se declara.

Saibão quantos este publico instrumento de Procuração Bastante
virem, que no anno do Nascimento de Nosso Senhor Jezus Christo,
de mil oito centos cincoenta e quatro aos tres — dias do mez de
Abril do dito anno, nesta Freguesia de Santa Maria
comarca de Rio Pardo provincia de São Pedro do Sul,
em meu Cartorio compareceo presente Francisco José
de Figueiredo morador em Rio Pardo.

reconhecido pelo proprio de mim Tabellião e das testemunhas abaixo assignadas do que dou fé.

perante as quaes por elle me foi dito que por este publico instrumento
fazia seu bastante procurador a Manoel José de Figueiredo
de ambas ou qualquer parte desta Provincia,
para que possa receber os bens que lhe couberem por legitima de Dona Maria Ignacia
Joaquina Conpostura.

Fonte: APERGS – 1854. Inventário nº 50, Maço 2, Estante 114.

Figura nº 6.

IMPERIO DO BRAZIL.

S. BORJA.

PROVINCIA DE S. PEDRO DO SUL.

Procuração bastante, e especial que faz

Manoel José de Figueiredo

Saibão quantos este publico Instrumento de Procuração Bastante e especial virem, que no anno do Nascimento de N. S. Jezus Christo, de mil oitocentos e 54 aos 15 dias do mez de Maio do dito anno, n'esta Villa de S. Borja, em o meu cartorio perante mim Tabellião apparece

reconhecido pelo proprio

perante os quaes por elle me foi dito que por este publico instrumento fazia seu bastante procurador

Em firmeza do referido me pedio lhe fizesse este instrumento, que lhe li, aceitou, e assignou

PORTO ALEGRE, TYP. DO — CORREIO DO SUL — RUA DA PRAIA N.º 26.

Fonte: APERGS – 1854. Inventário nº 50, Maço 2, Estante 114.

Figura nº 7.

aos quaes e a cada um, disse, dava, concedia e traspassava todos os seus poderes necessarios em Direito, para que em nome d'elle Outorgante, como se estivesse presente, possa em Juizo, e fora d'elle, requerer tudo quanto fôr a seu beneficio, em todas as suas cauzas e demandas civeis ou crimes, movidas e que se moverem, em que fôr Autor ou Réo, em um e outro fôro, seguindo em tudo suas cartas de ordens, e avizos particulares, que, sendo precisos, serão considerados como parte d'este Instrumento ; substabelecendo esta em quem convier, com poderes geraes, ou parciaes, e os substabelecidos em outros, ficando-lhe sempre os mesmos poderes em seu vigor, e de os revogar querendo ; propondo as acções competentes contra quem direito tiver ; prestar em sua alma os juramentos licitos, e fazel-os dar a quem convier ; assignar os termos, autos, folhas, e papeis precisos ; celebrar os contractos uteis, precedendo seus avizos ; requerer registros de hypothecas; procurar por meio da Appellação ou Aggravo, e por qualquer outro modo, e ainda pelo recurso de revista quaesquer finaes decizões ; arrecadar e haver a sí toda a sua fazenda, e o mais que por qualquer titulo lhe houver de pertencer, dinheiro, ouro, prata, escravos, carregações, encommendas, legados, heranças, dividas que se lhe devão, dividendos, pensões, tenças, ordenados, e de onde quer que existir, ainda dos Cofres da Fazenda Publica, Orphãos, Auzentes, e quaesquer outros Depozitos Publicos, ou particulares ; dando do que receber, as competentes quitações e recibos como se lhe pedirem ; executar e arrematar os bens de seus devedores ; fazer cessões, transigencias, desistencias, traspasses, tranzações, justificações, aceitações, nomeações, intimações, louvações, liquidações, removimentos, levantamentos ; tomar posse de bens, execuções, sequestros, penhoras, protestos, contra protestos, adjudicações, rebate, esperas, trocas, compras, embargos ; offerecer todo o genero de artigos e papeis precisos ; receber quaesquer documentos ; produzir, inquirir, reperguntar e contradictar testemunhas ; dar de suspeito a quem o fôr ; nomear louvados, juizes arbitros, e partidores ; proceder a inventarios e partilhas ; dar-se por citado para ellas e assistir a ellas para tudo o que fôr necessario ; licitar e relicitar sobre quaesquer bens ; fazer aforamentos, arrendamentos, confissões, negações ; variar de acções, reclamações, reconciliações, perante quaesquer Juizes de Paz, seguindo as ordens e instrucções que lhe forem dadas, para as quaes concedia illimitados poderes ; habilitações, distrates, ajuste de contas, abstenções, ratificações, e assistindo com esta a todos os termos e actos judiciaes e extrajudiciaes, com plena autoridade, e uzando d'esta para tudo quanto fôr a beneficio d'elle Outorgante, sem alguma reserva de poderes pelos haver aqui por expressados em geral, como se de cada um fizesse especificada menção : e havendo por valido e firme tudo quanto fizer o dito seu Procurador ou substabelecidos, aos quaes releva do cargo da satisfação que o Direito outorga, e só para sua pessoa rezerva a nova citação, e o poder de venda de bens. E assim me pedi lhe fizesse este Instrumento, que lhe lí, aceitou e assignou com as testemunhas presentes reconhecidas de mim Marcelino Fernandes da Silva Tabelliam que o subscrivi consertei assignei em publico e raso.

Em Test.o De Verd.e

O Tabelliam Marcelino Fernandes da Silva.

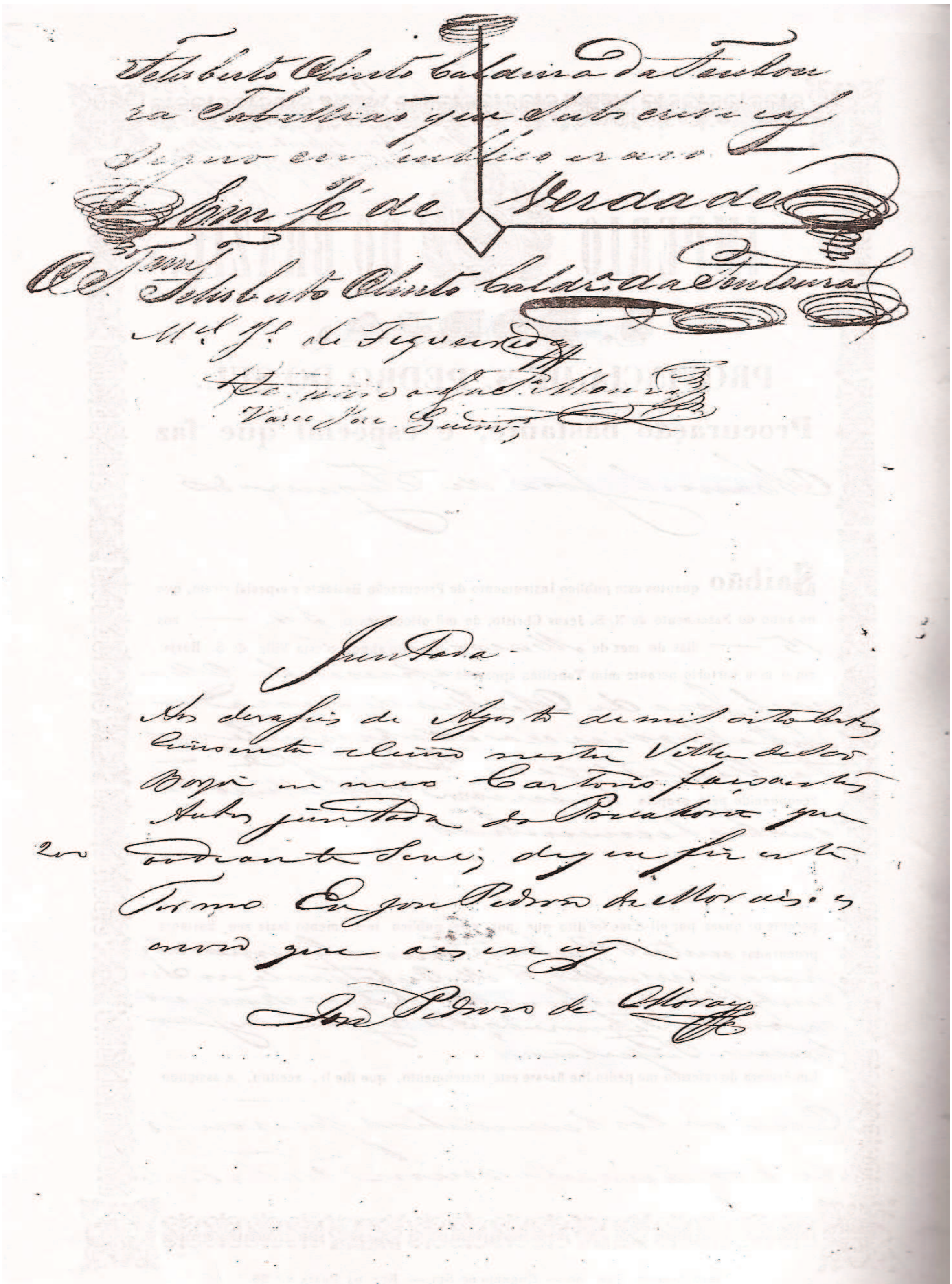
Francisco Joze de Figueiredo

Fran.co Ferreira de Miranda

Antonio Gabriel Coelho

Substabelecimento

Aos quinze dias do mez de Maio de mil oito centos e cincoenta e quatro annos nesta Villa de São Borja, [illegible]



Telesburto Olinto Caldeira da Fontoura
e as Testemunhas que todos aqui
signo em testifico a rasa

Em fé de verdade

O Tam. Telesburto Olinto Caldeira da Fontoura

Mel Je de Figueiredo

[illegible]

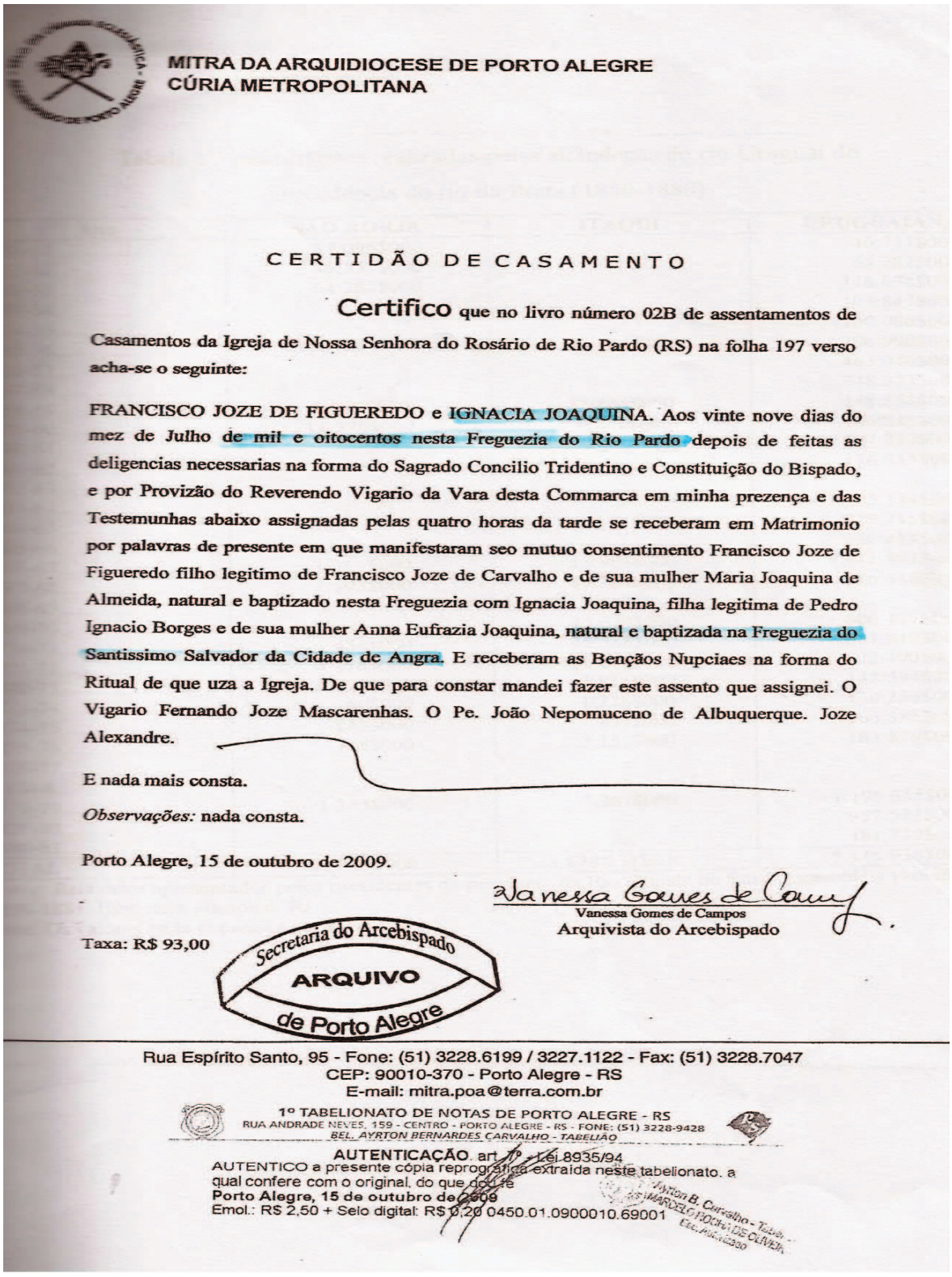
Vasco José [illegible]

Juntada

Aos dezaseis de Agosto de mil oito centos cincoenta e cinco nesta Villa de São Borja em meu Cartorio faço estes Autos juntada da Procuração que

200 adiante se ve; do que fiz este Termo. Eu José Pedro de Moraes escrivão que o escrevi

José Pedro de Moraes



MITRA DA ARQUIDIOCESE DE PORTO ALEGRE
CÚRIA METROPOLITANA

CERTIDÃO DE CASAMENTO

Certifico que no livro número 02B de assentamentos de Casamentos da Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Rio Pardo (RS) na folha 197 verso acha-se o seguinte:

FRANCISCO JOZE DE FIGUEREDO e IGNACIA JOAQUINA. Aos vinte nove dias do mez de Julho de mil e oitocentos nesta Freguezia do Rio Pardo depois de feitas as deligencias necessarias na forma do Sagrado Concilio Tridentino e Constituição do Bispado, e por Provizão do Reverendo Vigario da Vara desta Commarca em minha prezença e das Testemunhas abaixo assignadas pelas quatro horas da tarde se receberam em Matrimonio por palavras de presente em que manifestaram seo mutuo consentimento Francisco Joze de Figueredo filho legitimo de Francisco Joze de Carvalho e de sua mulher Maria Joaquina de Almeida, natural e baptizado nesta Freguezia com Ignacia Joaquina, filha legitima de Pedro Ignacio Borges e de sua mulher Anna Eufrazia Joaquina, natural e baptizada na Freguezia do Santissimo Salvador da Cidade de Angra. E receberam as Bençãos Nupciaes na forma do Ritual de que uza a Igreja. De que para constar mandei fazer este assento que assignei. O Vigario Fernando Joze Mascarenhas. O Pe. João Nepomuceno de Albuquerque. Joze Alexandre.

E nada mais consta.

Observações: nada consta.

Porto Alegre, 15 de outubro de 2009.

Vanessa Gomes de Campos
Arquivista do Arcebispado

Taxa: R$ 93,00

Secretaria do Arcebispado
ARQUIVO
de Porto Alegre

Rua Espírito Santo, 95 - Fone: (51) 3228.6199 / 3227.1122 - Fax: (51) 3228.7047
CEP: 90010-370 - Porto Alegre - RS
E-mail: mitra.poa@terra.com.br

1º TABELIONATO DE NOTAS DE PORTO ALEGRE - RS
RUA ANDRADE NEVES, 159 - CENTRO - PORTO ALEGRE - RS - FONE: (51) 3228-9428
BEL. AYRTON BERNARDES CARVALHO - TABELIÃO

AUTENTICAÇÃO art. 7º - Lei 8935/94
AUTENTICO a presente cópia reprográfica extraída neste tabelionato, a qual confere com o original, do que dou fé
Porto Alegre, 15 de outubro de 2009
Emol.: R$ 2,50 + Selo digital: R$ 0,20 0450.01.0900010.69001

Ayrton B. Carvalho - Tabel.
MARCELO ROCHA DE OLIVEIRA
Esc. Aut. 2300

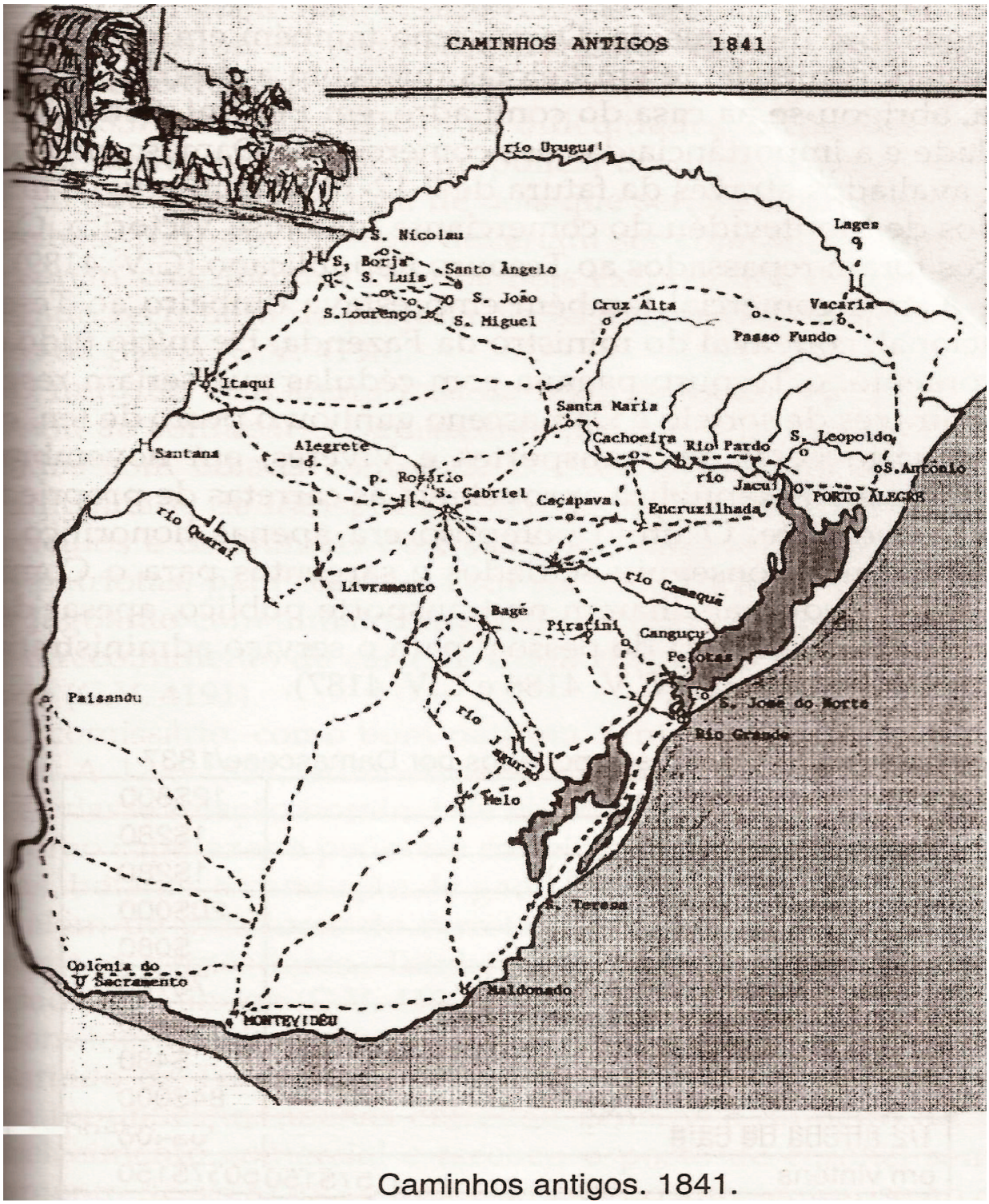
Fonte: Secretaria da Arquidiocese de Porto Alegre.

Figura n° 8.

1.6.1 Os caminhos antigos, 1841

Observa-se através da **Figura nº 9**, relativa aos caminhos antigos em 1841, que Itaqui conectava-se com núcleos habitacionais no interior da Província, alcançando inclusive Montevidéu. O Império do Brasil na época descuidou, se não desdenhou, a construção de estradas no Sul. [102] A Província de São Pedro contava com algumas picadas nas áreas cobertas. E permaneceu confinada na área da Campanha e da Fronteira Oeste no rastro das passagens dos viajantes, no rastro das carretas de bois geralmente pelo divisor de águas do terreno e nos rumos das tropas de animais pelos campos abertos, separada das outras províncias brasileiras. Assim, restou aos sul-rio-grandenses os caminhos para Montevidéu, por terra ou via fluvial.

[102] FLORES, Moacyr. República Rio-Grandense: realidade e utopia. Porto Alegre: EdPUCRS, 2002, p. 258-259.



Caminhos antigos. 1841.

Fonte: FLORES, Moacyr. *República Rio-Grandense:* realidade e utopia. Porto Alegre: EdPUCRS, 2002, p. 259.

Figura nº 9.

1 .6.2 A navegação – a partir de São Borja

O comércio da erva-mate fez transparecer dificuldade histórica da navegação no rio Uruguai entre Itaqui e São Borja, o que trouxe transtornos para o progresso desta. Itaqui, plantada mais ao sul, à margem de via líquida com acesso direto a Montevidéu e a Buenos Aires, concentrou a presença de italianos já no decorrer dos anos oitocentos. Obteve progresso rápido a ponto de Lallemant dizer que quase se admitia que ali era o começo das repúblicas espanholas. A movimentação das cargas de erva do planalto passou a desviar-se de São Borja. Além da existência de controles aduaneiros, como visto, outra causa para tal ocorrência estava na dificuldade para a navegação representada pela cachoeira do rio Butuí, localizada na foz deste, que desemboca no rio Uruguai.

Essa cachoeira acarretou para São Borja a perda do empório da exportação de erva-mate. Esse produto do planalto sul-rio-grandense passou a descer diretamente para o distrito da Cruz, onde a presença italiana de hábeis comerciantes era notória desde o surgimento desta localidade. O arquivo histórico de São Borja atesta esse empecilho à navegação e aos negócios.

Em 1863, o vereador João Carlos Pereira Pinto, da Câmara de Vereadores de São Borja, realizou viagem a Buenos Aires. Da capital argentina, enviou ofício ao presidente da legislativa municipal e manifestou algumas preocupações:

> Em outra época não remota São Borja gozou de bastante prosperidade devido ao comércio de trânsito para a erva-mate exportada pelo porto para o Baixo Uruguai, cessado com a abertura de comércio no Rio Paraguai e pelas dificuldades de navegação até Itaqui, [...] tráfico de erva mate para Itaqui, daí o estado atual de decadência que se acha o município cuja opulência [...] de suas terras não é assaz bem conhecida. Entretanto não se pode contestar que o município de São Borja é o lugar mais apropriado do Império para a 'colonização européia' não só pela fertilidade de suas terras e clima temperado, como por achar-se situada na margem de um dos mais

> importantes rios da América, por que é aquele que oferece um futuro mais lisonjeiro e próximo e se presta por tais circunstâncias a receber com maior facilidade os impulsos do progresso e da civilização moderna. [103]

Esse problema para a navegação foi certificado pela narrativa do cônego João Pedro Gay quando se refere à viagem do Imperador à Itaqui e à São Borja em 1865.[104] Essa cachoeira, continuou sendo obstáculo para a navegação e para o progresso, ainda no início dos anos novecentos. Isso se constata na entrevista e longo relato de F. N. Dornelles Drago, descendente do italiano Ítalo Drago. [105]

O imigrante Italo Drago, dentre outras habilidades pessoais exerceu a função de piloto de embarcação da empresa Irmãos Barbará que fazia a linha regular Uruguaiana-São Borja. A informação de F. N. Dornelles Drago, seu bisneto, acrescentou que esse trajeto era percorrido desde que as águas do rio Uruguai não estivessem a menos da meia altura do seu nível em função da "[...] corredera do Butuí", corredeira do rio Butuí.

Como manifestação do espaço econômico e grandemente como consequência da presença e da ação de imigrantes italianos nos três municípios aludidos, foram produzidas expressões valorativas registradas pelas alfândegas ribeirinhas nas três localidades citadas, pela utilização do rio Uruguai para importações e exportações mantidas com o Prata. A Tabela 1 refere-se as importações procedentes do Rio da Prata (1850-1880) – **Figura nº 10**. A Tabela 2, às exportações realizadas com destino ao Rio da Prata (1850-1881) – **Figura nº 11**.

[103] Arquivo Histórico Municipal de São Borja. Livro de Ofícios, 1861-1866. Ofício de 12/07/1863.
[104] GAY, 1980, op. cit., p. 152.
[105] Idem entrevista de F. N. Dornelles Drago.

Tabela 1 - Importações realizadas pelas alfândegas do rio Uruguai de procedência do rio da Prata (1850-1880)

Ano	SÃO BORJA	ITAQUI	URUGUAIANA
1850-51	47:096$000	-	46:737$000
1851-52	46:737$000	-	64:282$000
1852-53	64:282$000	-	116:078$000
1853-54	-	-	103:847$000
1854-55	-	-	100:086$000
1855-56	-	-	296:990$000
1856-57	-	-	465:046$000
1857-58	-	-	748:373$000
1858-59	4:786$000	31:868$000	448:856$000
1859-60	11:976$000	9:238$000	456:245$000
1860-61	-	-	397:847$000
1861-62	-	-	176:055$000
1862-63	-	-	-
1863-64	-	-	125:134$000
1864-65	-	-	229:215$000
1865-66	-	-	236:413$000
1866-67	1:361$000	15:988$000	812:594$000
1867-68	2:503$000	49:784$000	586:446$000
1868-69	-	-	-
1869-70	-	46:670$000	606:137$000
1870-71	454$000	45:388$000	281:819$000
1871-72	4:416$000	99:012$000	672:490$000
1872-73	112$000	4:835$000	142:594$000
1873-74	69$000	1:228$000	130:235$000
1874-75	133$000	153$000	166:385$000
1875-76	379$000	3:152$000	183:879$000
1876-77	-	-	-
1877-8	-	-	-
1878-79	1:245$000	7:367$000	1:195:655$000
1879-80	-	-	957:572$000
1880-81	-	-	481:739$000
TOTAL	466:425$000	3:876:131$000	5:118:938$000

Fonte: Relatórios apresentados pelos presidentes da província do Rio Grande do Sul à Assembléia Provincial 1850-1881. Biblioteca Nacional. RJ.

Nota: Os valores estão expressos em $réis.

Figura nº 10.

Tabela 2 - Exportações realizadas pelo rio Uruguai com destino ao Rio da Prata (1850-1881)

Ano	SÃO BORJA	ITAQUI	URUGUAIANA
1850-51	48:724$000	-	48:724$000
1851-52	-	-	47:039$000
1852-53	5:860$000	-	68:468$000
1853-54	-	161:474$000	75:168$000
1854-55	52:392$000	-	130:597$000
1855-56	-	228:151$000	149:786$000
1856-57	43:439$000	-	438:252$000
1857-58	-	452:198$000	295:045$000
1858-59	29:104$000	708:817$000	614:731$000
1859-60	11:351$000	209:674$000	415:498$000
1860-61	2:159$000	362:263$000	282:977$000
1861-62	28:066$000	-	422:965$000
1862-63	-	-	168:765$000
1863-64	-	-	107:405$000*
1864-65	-	-	277:878$000**
1865-66	-	-	231:420$000
1866-67	30:844$000	192:810$000	142:596$000
1867-68	32:060$000	322:433$000	147:005$000
1868-69	-	-	-
1869-70	32:049$000	303:128$000	104:865$000
1870-71	51:886$000	345:606$000	111:616$000
1871-72	42:235$000	713:590$000	199:743$000
1872-73	4:029$000	41:620$000	18:004$000
1873-74	3:965$000	22:524$000	13:676$000
1874-75	3:705$000	28:095$000	10:029$000
1875-76	939$000	17:560$000	8:706$000
1876-77	-	-	-
1877-78	43:618$000	-	-
1878-79	-	185:536$000	213:684$000
1879-80	-	-	95:806$000
1880-81		-	77:437$000
TOTAL	185:279$000	360:071$000	10:228:789$000

Fonte: Relatórios apresentados pelos presidentes da província do Rio Grande do Sul à Assembléia Provincial, 1850-1881. Biblioteca Nacional, RJ.

Nota: * 1º semestre; ** Termo meio dos três últimos anos; valores expressos em $réis.

Figura nº 11.

1.6.3 Ferrovias

Susana Bleil de Souza arremata o seu texto anteriormente tangenciado, falando da eficiência e influência da ferrovia uruguaia que ligou nossa Fronteira, isolada de Porto Alegre, e seu progresso à Montevidéu. Relembremos, os trilhos partindo de Porto Alegre chegaram a Livramento em 1910, em Uruguaiana em 1907 e em Quaraí, em 1939.[106]

Ronaldo Bernardino Colvero também tangencia as vias de acesso na área, ao tratar do saladeiro São Felipe instalado por ingleses na margem do rio Uruguai entre as cidades de Itaqui e de Uruguaiana no início dos anos novecentos.[107] Em 1890, a ferrovia uruguaia já alcançava Artigas, lindeira de Quaraí, ligando esta à capital uruguaia via cidade de Salto, ponto de entroncamento ferroviário do ramal Salto-Itaqui, com traçado pela barra do rio Quaraí e Uruguaiana. [108]

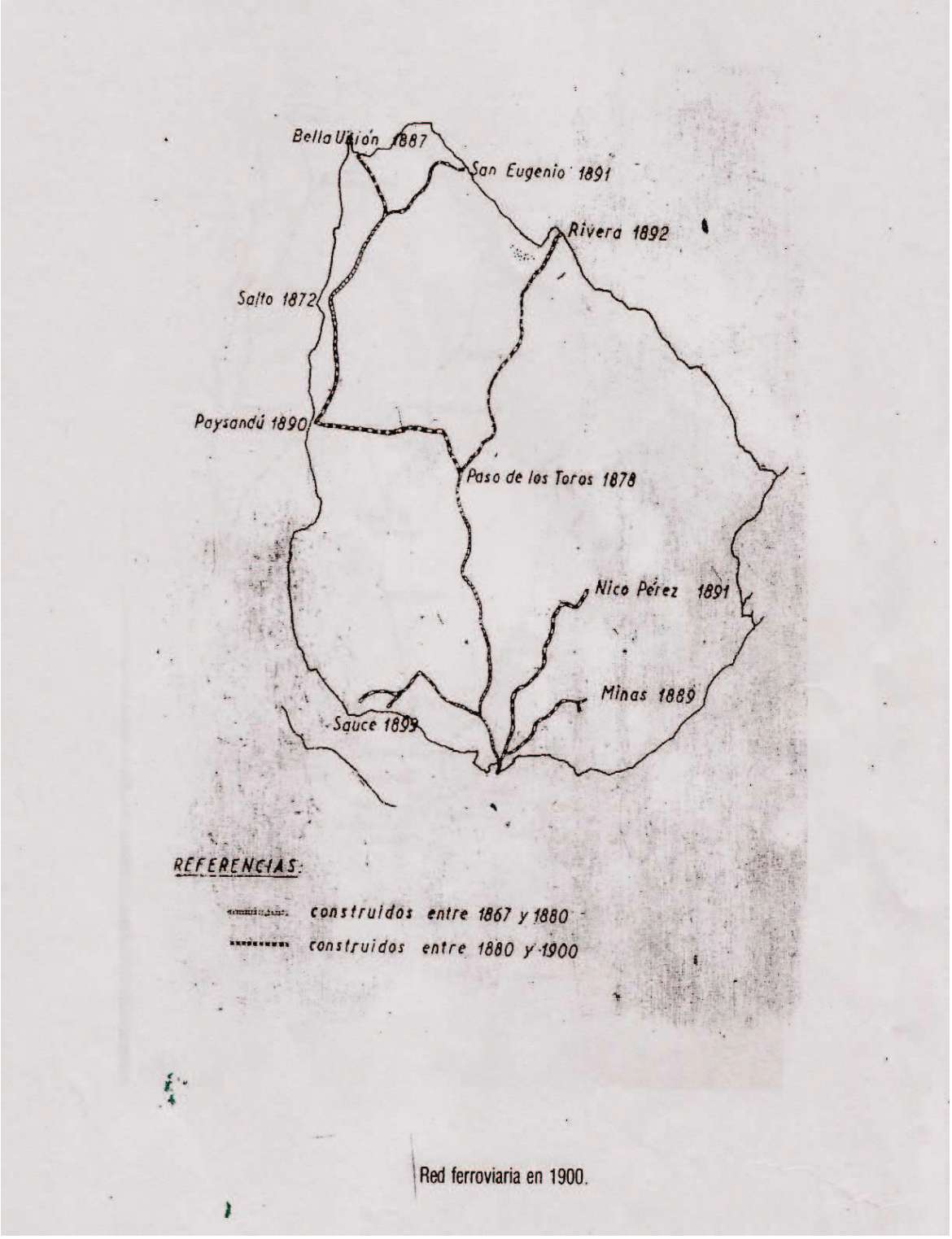
Ao abordar a instalação de saladeiros na região fronteira com o Uruguai e com a Argentina, e especialmente o Saladeiro São Felipe em Itaqui, Colvero destaca como fatores relevantes para o escoamento de produtos em geral tanto na região como no país e no Exterior, o transporte ferroviário do Uruguai e a menor incidência de seus tributos.[109] Observa que a navegação no rio Uruguai não podia ser desprezada pelo acesso que permitia ao Rio da Prata, possibilitando, além do comércio direto com Buenos Aires e com outros portos ao longo desse rio, a aquisição da matéria-prima para os saladeiros nos fronteiriços Brasil, Argentina e Uruguai.

---

[106] PATRIMÔNIO FERROVIÁRIO NO RIO GRANDE DO SUL – Inventário das Estações 1874-1959. Porto Alegre: Pallotti, 2002, p. 189, 193 e 207.
[107] COLVERO, Ronaldo B.; SERRES, Helenize. *O Saladeiro São Felipe de Itaqui: 1910-1930.* Porto Alegre: Faith Ltda., 2009, p. 22.
[108] BARACCHINI, Hugo. *Historia de las comunicaciones en el Uruguay*. Montevideo: Universidad de la Republica/Division Publicaciones y Ediciones, 1981, p. 162.
[109] COLVERO e SERRES, 2009, op. cit., p. 25.

Salienta-se que no referido Saladeiro São Felipe houve a participação da mão de obra de italianos chegados pelo rio da Prata. Exemplifica-se com narrativas nos depoimentos de descendentes dos italianos Ângelo Caffarate, Fidêncio Landarini, João Baptista Rossi, João Baptista Biasca. Ronaldo B. Colvero também referenciou que a exportação de charque e de outros produtos com destino aos portos brasileiros, assim como a importação de mercadorias diversas, se tornava muito conveniente pelo porto de Montevidéu, face aos benefícios portuários daquele país.

Nas folhas imediatamente seguintes, **Figura nº 12** e **Figura nº 13**, demonstram as vias férreas uruguaias alcançando pontos da linha da fronteira sul-brasileira.



Fonte: BARACCHINI, Hugo. *Historia de las comunicaciones en el Uruguay*. Montevideo: Universidad de la Republica, Division Publicaciones y Ediciones, 1981, p. 162.

Figura nº 12.

- Red ferroviaria en 1914.

Fonte: BARACCHINI, Hugo. *Historia de las comunicaciones en el Uruguay*. Montevideo: Universidad de la Republica, Division Publicaciones y Ediciones, 1981, p. 164.

Figura nº 13.

Colvero ainda referenciou que do mesmo modo à estrada de ferro no lado brasileiro ligando-se ao porto de Montevidéu, havia a estrada de ferro no lado argentino.

Trata-se da Ferrocarril Nord Este Argentino, chave dos transportes correntinos, missioneiro e paraguaio. Esta estrada alcançou Libres em 1895, situada na margem oposta do rio Uruguai e fronteira com Uruguaiana. [110] Depoimento de descendentes do italiano João Mondadori, que se radicou em Itaqui e encontra-se sepultado em La Cruz, RA, informa que este, engenheiro, também participou na construção desse ramal a partir de Monte Caseros, cidade argentina localizada próxima à tríplice fronteira Brasil-Argentina-Uruguai.[111]

Esta estrada de ferro, ou *ferrocarril* em espanhol, tornou-se novo canal de acesso para os imigrantes de Buenos Aires e de outros pontos para a fronteira brasileira. Exemplificativamente, a chegada do imigrante Vicente Alfano, em 1919, que partiu de Buenos Aires e depois de 24 horas de viagem chegou em Uruguaiana.[112] No início da circulação dos trens até Libres, a administração dessa ferrovia mandou publicar anúncio dos seus serviços em jornal de Uruguaiana, em busca de passageiros brasileiros:

> F. C. Nord-Este Argentino
> Importante para pasageros de Brasil
>
> Desde el 7 del corriente se estabelecerá el servicio seguinte entre Paso de Los Libres y Concordia:
>
> Marte – Jueves y Sabado
> Salida de Libres: 9.1 a. m. Llegada a Concordia: 4.46 p.m.
>
> Lunes – Miercoles y Viernes
> Salida de Concórdia: 7 a.m. Llegada a Libres: 4,46 p.m.

[110] ORTIZ, Raúl Scalabrini. *Historia de los ferrocarriles argentinos.* Buenos Aires: Editorial Lancelot, 2009, p. 377-390.
[111] Entrevista de E. Mondadori e R. Alves Filho. Itaqui, em 03/06/2010.
[112] ALFANO, Gennaro. *Concomitante* – contos e versos. Porto Alegre: Renascença Ltda., 2006, p. 19.